



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

A REPRESENTAÇÃO DA DINÂMICA RELACIONAL
VÍTIMA/AGRESSOR EM PRÉ-ADOLESCENTES
EXPOSTOS A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

ANA RITA LOPES PARDAL, n.º15523

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ÂNGELA VILA REAL

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ÂNGELA VILA REAL

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA APLICADA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Ângela Vila Real, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

AGRADECIMENTOS

Esta tese não é apenas resultado de um empenho individual, mas sim de um conjunto de esforços que o tornaram possível e sem os quais teria sido difícil chegar ao fim desta etapa, ou até mesmo concluí-la. O fim desta etapa caracteriza um importante marco na minha vida pessoal e profissional, representando um abrir das portas para a saída do presente e entrada no futuro. Desta forma, manifesto a minha gratidão a todos os que estiveram presentes nos momentos de angústia, de ansiedade, de insegurança, de exaustão e de satisfação, ao longo destes incansáveis 5 anos da minha vida.

Um agradecimento muito especial à minha orientadora, Doutora Ângela Vila-Real sem a qual não teria sido possível configurar o tema deste trabalho da forma como se configurou. Iniciou-se com uma pequena ideia, que inicialmente foi descartada, e acabou com uma grande ideia na qual a ideia inicial se encontra subjacente. Agradeço a sua orientação, apoio e compreensão. Agradeço também o facto de me ter proporcionado um maior conhecimento, fruto da sua grande experiência na área clínica.

Um agradecimento muito especial à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Lisboa Norte, nomeadamente à Presidente Dra. Nélia Alexandre pela disponibilidade demonstrada, pelo facto de ter aceite a realização deste estudo e pelo facto de ter consentido acesso às instalações para a recolha da amostra mesmo quando o meu estágio já não se encontrava a decorrer. Um agradecimento, também, muito especial aos técnicos gestores dos processos pelo facto de me terem cedido os contactos telefónicos dos pais dos pré-adolescentes e pela disponibilidade demonstrada em verificar incansavelmente as suas listas de processos para averiguar a existência de “meninos de 13 anos”. Agradeço, nomeadamente, à Dra. Rita Campos, à Dra. Mónica Filipe, à Dra. Liliana Campos e à Dra. Gisela Ferreira. Agradeço também aos restantes técnicos pela disponibilidade em verificar a existência de processos com as características pedidas, mesmo não tendo sido possível por parte destes responder à caracterização necessária para a recolha.

Um agradecimento muito especial aos pais dos pré-adolescentes pela sua disponibilidade e consentimento dado para a realização deste estudo. Agradeço o facto de se terem mostrado disponíveis para comparecer em sede de Comissão, mesmo sem terem nada agendado com o técnico gestor do processo. Agradeço aos jovens a quem foi aplicado as provas, pela vontade demonstrada em participar, pela demonstração de curiosidade face ao que iria ser feito, e pelo entusiasmo com que me contagiaram pelo facto de saberem que iam participar num estudo.

Sem as pessoas enumeradas anteriormente a realização desta tese teria sido impossível de ser realizada.

Por último agradeço à minha Família e Amigos pelo apoio prestado nesta etapa da minha vida tão importante. Agradeço à minha mãe, pai e irmã pelo apoio, paciência e por estarem sempre presentes nos momentos mais difíceis. Agradeço às minhas colegas, que neste caso considero não só colegas mas também grandes amigas, de curso nomeadamente à Marina Mineiro, Margarida Marques, Sílvia Gonzalez, Carla Baptista e Filipa Filipe, por todos os momentos partilhados ao longo destes cinco anos, por todas as palavras de carinho e apoio, pela paciência em ouvir os meus lamentos e desabafos, pela motivação e ânimo que me deram, pela contenção nos momentos de maior angústia, pelo carinho e amizade sempre demonstrados e que para mim foram essenciais, inestimáveis e sem os quais não conseguiria seguir em frente.

Um agradecimento muito especial ao Miguel, por todo o amor dedicado, por todo o amor demonstrado, por estar sempre ao meu lado, pela força dada, pela paciência e tolerância, nomeadamente nos meus momentos de grande stress e tensão que por vezes levaram ao descarregamento de todas as minhas tensões em cima dele e pela compreensão das minhas grandes ausências ao longo destes 5 anos devido ao tempo dispendido para a realização desta fase da minha vida.

RESUMO

Na literatura relativa às teorias das relações de objecto é defendido que ocorre uma introjecção das relações a que estamos expostos, sendo essa introjecção o que constitui as relações de objecto internas. Através desta introjecção forma-se uma dinâmica interna que influencia as relações que se vão formando com os objectos externos. Nas relações de violência doméstica, existe uma dinâmica relacional própria entre a vítima e o agressor que é influenciada pela dinâmica existente no mundo interno de cada um deles. Este estudo teve como objectivo compreender se o facto de se estar exposto a violência doméstica leva à internalização da dinâmica existente entre a vítima e o agressor. Para a realização do estudo foram recolhidos quatro pré-adolescentes (13 anos) do género masculino expostos a violência doméstica, aos quais foi aplicada a prova projectiva *Thematic Apperception Test* (TAT). Os resultados obtidos indicam que a dinâmica interna dos sujeitos é idêntica à dinâmica relacional entre a vítima e o agressor, tendo estes projectado nos cartões características observadas na dinâmica existente entre estes. Verificou-se também a presença de características idênticas às características dos agressores.

Palavras-chave: pré-adolescência, relações de objecto, violência doméstica, dinâmica relacional vítima/agressor.

ABSTRACT

In the literature of the object relations theory's is defended that introjections of the relations that we are exposed occur, being those introjections what constitutes the internal object relations. Through these introjections is created an internal dynamic that influences the relations that are formed with external objects. There is a certain relational dynamic between the victim and the aggressor, which is influenced by the pre-existent dynamic that exists on their own internal world. The main goal of this study is to understand if exposure to domestic violence contributes to the internalization of the dynamic between victim/aggressor. For the performance of this study were collected four pre-teenagers, where in which one was applied the projective test *Thematic Apperception Test* (TAT). Results indicate that the subjects internalized the relation they have been exposed, projecting that dynamic in the cards of TAT but also exhibiting characteristics identical to the ones present on the aggressors.

Keywords: pre-teenagers, object relations, domestic violence, relational dynamic victim/agressor.

ÍNDICE

1. Introdução 1
2. Enquadramento Teórico 2
 - 2.1 - Relações de objecto 2
 - 2.2 - Pré-adolescência 7
 - 2.3 - O Sadismo e o Masoquismo 9
 - 2.4 - Relações de Sadomasoquismo 15
 - 2.5 - Dinâmica Vítima/Agressor 18
 - 2.6 - Formulação do problema 32
3. Método 33
4. Resultados Obtidos 36
5. Discussão 42
6. Conclusão 49
7. Limitações e futuras investigações 61
8. Referências bibliográficas 62
9. Anexos 66
 - Anexo I – Carta de Consentimento Informado 67

- Anexo II – Respostas dos pré-adolescentes expostos a violência doméstica e análise de cada cartão 68

1. INTRODUÇÃO

Com o presente trabalho, que envolve a temática da exposição de pré-adolescentes à violência doméstica, pretende-se perceber se o facto de se estar exposto a violência doméstica leva à internalização da dinâmica existente entre a vítima e o agressor.

Na primeira parte deste trabalho, irá ser apresentado um enquadramento teórico com algumas temáticas que se consideram importantes para o estudo em causa. Primeiro irá ser efectuada uma pequena abordagem à teoria das relações de objecto, descrevendo as teorias de Melanie Klein, Fairbairn e Odgen. Estas teorias são importantes para se compreender a formação das relações de objecto internas e a forma como as mesmas influenciam a dinâmica interna do sujeito e a forma como este se relaciona com o mundo externo. De seguida irá ser feita referência à pré-adolescência para se compreender o porquê de ter sido a etapa de desenvolvimento seleccionada para o presente estudo. Posteriormente irá ser feita referência ao masoquismo, sadismo e às relações de sadomasoquismo, para melhor se compreender o que está subjacente em cada elemento que constitui o casal onde a violência existe. Por fim, irá ser exposta a teoria relativa à dinâmica relacional vítima/agressor sendo esta central para a compreensão da temática aqui estudada e para a compreensão do que está por detrás das relações de violência, o que faz com que ambos os parceiros se mantenham unidos apesar da relação abusiva, qual a dinâmica existente entre ambos e como essa dinâmica pode contribuir para a emergência da violência.

Na segunda parte deste trabalho irá ser explicado o método, ou seja, irá ser referido o tipo de delineamento, a caracterização dos participantes, apresentar o procedimento e descrever o instrumento usado para a realização do estudo.

Na última parte irão ser apresentados os resultados obtidos, irá ser efectuada a discussão dos mesmos e serão apresentadas as principais conclusões, limitações e investigações futuras.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 - Relações de Objecto

As teorias das relações de objecto sugerem que o indivíduo é motivado, desde os primeiros momentos de vida, pela necessidade de ter relações significativas com o objecto (Fairbairn, 1952; Summers, 1994, cit. por Zosky, 1999). O termo “objecto” não se refere a algo inanimado, refere-se a um alvo ou objecto da pulsão (Gomez, 2005), ou seja, a uma pessoa. “Objecto” é uma pessoa significativa na vida do sujeito (Jones & Michael, 2008). As relações de objecto são definidas como uma ligação emocional entre o sujeito e o objecto. As relações de objecto referem-se ao processo pelo qual representações específicas do *self* e do outro se tornam internalizadas e organizadas de forma significativa. Estas representações mentais internalizadas influenciam e são influenciadas pelas experiências no mundo real com os outros significativos. Existe uma internalização das relações às quais a criança está exposta, sendo estas que constituem as relações de objecto internas da mesma. As relações adultas são formadas com base nos modelos primários estabelecidos através das introjecções das relações primárias. As relações primárias significativas formam “modelos” psicológicos duradouros para todas as futuras relações, e tornam-se instrumentos para o desenvolvimento e estruturação psíquica. O ser humano é colocado num mundo dual de relação externa e interna. O mundo interno do sujeito apresenta alguns padrões fixos e outros mais fluidos, tanto conscientes como inconscientes, sendo este constituído por relações de objecto internas. A dinâmica do mundo interno influencia a forma como o sujeito vive a realidade externa, sendo que a experiência da realidade externa também influencia a dinâmica interna. A formação e manutenção das relações de objecto tornam-se o motivador principal do comportamento humano (Fairbairn, 1949, cit. por Zosky, 1999).

Melanie Klein foi a primeira autora a estabelecer uma concepção do mundo objectal interno, organizado em torno das relações de objecto internas. Klein refere que as relações de objecto existem desde o início da vida da criança, sendo o seio da mãe o primeiro objecto (Klein, 1946). Para Klein (1937) a agressividade inata da criança é a causa da ambivalência em relação ao objecto. Ou seja, o primeiro objecto de amor e ódio é ao mesmo tempo desejado e odiado. O amor e o ódio são desde o princípio projectados no objecto, sendo este internalizado com estas emoções contrastadas. Quando as necessidades da criança são satisfeitas pela mãe, a criança ama-a. Quando as suas necessidades e desejos não são atendidos, surgem sentimentos de ódio e agressividade, sendo a criança dominada por impulsos de destruir o objecto dos seus desejos. Este objecto, na mente da criança, está ligado com tudo o que experiencia de bom e de mau. De forma a proteger os sentimentos de amor que tem pelo objecto, do ódio e da agressividade, a

criança cliva-o em bom e mau objecto. Sendo esta clivagem o resultado da separação entre o amor e o ódio (Klein, 1946). De forma a proteger o bom objecto, a criança projecta todos os seus impulsos agressivos no mau objecto. A criança projecta, também, partes do *self*, que não são desejadas, para o objecto, identificando-se posteriormente com as mesmas e odiando-as violentamente. A identificação projectiva permite à criança negar os seus impulsos destrutivos (Segal 1992, cit. por Crabtree, 2008). Os impulsos destrutivos são direccionados contra o objecto e são expressos em ataques sádico-orais fantasiados (Klein, 1946). Este período denominado por posição esquizoparanóide precede a posição depressiva. Tanto o bom como o mau objecto são criados pelo sujeito ao serem projectados para o exterior. O bom objecto torna-se idealizado e o mau objecto torna-se alvo das pulsões de destruição. Surge uma angústia persecutória, após a projecção do mau objecto e do ataque efectuado pela criança ao mesmo, devido ao facto de esta temer uma retaliação. A criança considera o mau objecto perigoso, temendo ser “devorada” por este. À medida que o ego se torna mais organizado, a imago internalizada vai-se aproximando da realidade e a criança identifica-se com o bom objecto. O medo persecutório que era percebido como ameaça para o ego, agora também se relaciona com o bom objecto. A partir deste momento, a preservação do bom objecto é vista como um equivalente à sobrevivência do ego. O bebé procura conservar o objecto ideal e livrar-se do mau objecto, que é sentido como uma ameaça. Posteriormente ocorre a passagem de uma relação de objecto parcial para a relação com um objecto total. O bebé apercebe-se de que o mau objecto que tentou destruir é o objecto de quem mais gosta, necessita e depende. Esta percepção deixa-o apavorado com a sua raiva, sendo este o principal medo da posição depressiva. O bebé sente que a sua sobrevivência está em perigo devido à ameaça de perda dos seus objectos principais. O medo da perda do bom objecto interiorizado implica uma ameaça directa à sua identidade, pois sem o objecto a criança sente-se má e sem valor. Quando a criança liga as partes do objecto, esta fica angustiada pelas fantasias agressivas de que o mau objecto irá destruir ou danificar o bom objecto. O bebé sente como se tivesse perdido o bom objecto e tudo o que provém do mesmo (Klein, 1940). Tem medo de ter destruído o objecto que mais ama e do qual mais precisa, e com o qual se encontra numa situação de total dependência (Klein, 1937). Toda a experiência que aponta para a perda do objecto amado real estimula o medo de também perder aquele que foi internalizado (Klein, 1935). O medo que a criança tem da sua raiva forma uma grande parte do superego e dos sentimentos de culpa e remorso. Como o bebé tem medo de dirigir a sua raiva para o exterior, dirige-a para o interior, condenando-se por ser mau e egoísta. A dor da culpa dá origem à nova capacidade de reparação. O bebé acaba por perceber que, apesar de a raiva poder causar danos, o amor pode repará-los (Gomez, 2005). Tenta maximizar os sentimentos de amor, de forma a reparar o dano causado ao

objecto amado. O sujeito tenta restaurar o objecto, tentando compensar todos os seus ataques sádicos.

A criança alcança a integração quando consegue ligar as partes do objecto num objecto total e relacionar-se com o mesmo. Consequentemente consegue reconhecer-se como separada do seu objecto, reconhecer os seus impulsos e distinguir entre a fantasia e a realidade externa (Segal 1973, cit. por Crabtree, 2008). Os indivíduos que não alcançam a integração psicológica mantêm a organização interna clivada da posição esquizoparanóide. Se esta clivagem interna se mantiver, o indivíduo desenvolve uma perturbação da personalidade. O amor e o ódio lutam um contra o outro na mente da criança, e quando esta luta persiste ao longo da vida é passível de se tornar uma fonte de perigo nas relações humanas posteriormente estabelecidas (Klein, 1937).

Fairbairn (1946) refere que o objectivo libidinal é estabelecer relações satisfatórias com os objectos. Num desenvolvimento ideal, não existiriam falhas na relação e o adulto não estabeleceria objectos internos, pois estes são considerados vínculos compensatórios. Contudo, no desenvolvimento real, sabe-se que existem sempre falhas na relação, pois o objecto não consegue responder a todas as necessidades da criança. Existe sempre a formação de vínculos compensatórios, ocorrendo uma proliferação das relações de objecto internas. A esta proliferação e fragmentação interna, Fairbairn (1946) designa de Situação Endopsíquica Básica. Quando o objecto satisfaz a criança é percebido como um bom objecto, quando o objecto não satisfaz a criança é percebido como um mau objecto. Como a situação ocorre no mundo externo, a criança vê-se impotente para controlá-la, tentando procurar uma forma para lidar com a situação. Os meios ao seu dispor são limitados, e a técnica adoptada é ditada por esta limitação. Como a realidade parece inflexível, ela transfere o factor traumático da situação para o campo da realidade interna, na qual sente que a situação está mais sobre o seu controlo, internalizando o mau objecto como forma de controlá-lo. O problema é que o objecto após ser internalizado permanece insatisfatório. Este objecto insatisfatório tem duas facetas, sendo frustrante e ao mesmo tempo sedutor. A sua maldade consiste precisamente no facto de combinar sedução com frustração. A criança retém estas qualidades após a internalização. Na tentativa de controlar o objecto insatisfatório, a criança introduz no seu mundo interno um objecto que não só continua a frustrar as suas necessidades, como continua a estimulá-las. Vê-se noutra situação intolerável, mas desta vez uma situação interna. Para lidar com a mesma o mau objecto tem de sofrer uma nova clivagem em objecto excitante e objecto rejeitante. Paralelamente à clivagem do mau objecto, ocorre a clivagem de partes do ego, em ego anti-libidinal e ego libidinal, que permanecem vinculadas aos objectos recalçados e os seguem para o recalçamento (Fairbairn, 1946). O ego libidinal é o “self esperançoso” que persegue o desejado “objecto excitante”, e o ego anti-libidinal

é o “*self* abusado” que tanto se defende dos ataques do objecto rejeitante como o tenta destruir. O ego central recalca estes dois objectos dolorosos para que o objecto externo possa ser preservado como um objecto idealizado (Fairbairn 1952, cit. por Crabtree, 2008). Deste modo, encontra-se um ego central que exerce agressão para o recalçamento do ego libidinal ligado ao objecto excitante e do ego anti-libidinal ligado ao objecto rejeitante. O ego anti-libidinal ligado ao objecto rejeitante também exerce recalçamento indirectamente através da agressão ao ego libidinal aliado ao objecto excitante (Fairbairn, 1946). O ego anti-libidinal ataca o objecto excitante, pelas suas falsas promessas, e o ego libidinal, pela sua esperança e dedicação ingénuas.

De acordo com Fairbairn (1941) a frustração do desejo da criança de ser amada e de que o seu amor seja aceite é o maior traumatismo que esta pode experienciar. Só quando esta segurança, de ser amada e de ter o amor aceite, está prestes a aparecer numa forma convincente para lhe permitir depender sem perigo dos seus objectos reais é que a criança é capaz de gradualmente renunciar à sua dependência. Na ausência desta segurança, a sua relação com os objectos está cheia de ansiedade de separação para lhe permitir renunciar à sua dependência. Renunciar da sua dependência significa perder a esperança de obter a satisfação das suas necessidades. Cada vez que as necessidades da criança são ignoradas, a sua necessidade de preenchimento aumenta e o seu vínculo ao objecto aumenta. A criança rejeitada está mais vinculada ao objecto do que a criança amada e aceite (Fairbairn, 1941). Esta não pode abandonar a procura do objecto completamente porque o renunciar da procura do objecto equivale ao suicídio psíquico. Em vez disso, a criança é levada a compensar a falha da sua relação emocional com o objecto real ao se tornar fixada no mesmo como um objecto interno. Quando a criança se identifica com este objecto interno, ela rege o significado do mundo externo pelo seu mundo interno (Fairbairn, 1952, cit. por Crabtree, 2008). Uma criança que é cronicamente negligenciada desenvolve uma reserva de necessidades insatisfeitas que são intensamente focadas no seu objecto. Nem a necessidade nem o foco no objecto, para atender as suas necessidades muda à medida que a criança se desenvolve. Mas, o objecto do foco pode mudar dos pais para o parceiro (Celani 1999).

Odgen (1983) refere que a internalização da relação de objecto envolve a clivagem do ego em partes que quando são recalçadas constituem objectos internos que permanecem numa relação inconsciente particular uns com os outros. Esta clivagem resulta na formação de duas suborganizações do ego, uma identificada com o *self* na relação de objecto externa e a outra identificada com o objecto. Esta relação interna é moldada pela natureza da relação de objecto original e é potencialmente modificável pela experiência subsequente. A relação de objecto interna pode ser externalizada através da projecção e identificação projectiva numa relação interpessoal. Para Odgen (1983) a identificação projectiva pode tomar uma de duas formas,

dependendo se é o papel do objecto ou o papel do *self* nas relações de objecto internas que é atribuído à outra pessoa no processo de externalização. Quando é o papel do objecto interno que é projectado, a identificação projectiva envolve uma pressão interpessoal no outro, onde o “recipiente” é coagido a ver-se a si próprio como o objecto que é representado na relação de objecto interna. Existe uma tentativa de fazer com que as experiências do “recipiente” sejam congruentes com a forma na qual o objecto interno experienciava-se a si próprio e percebe a componente do *self* da relação interna. Isto é acompanhado pela fantasia inconsciente da parte do sujeito de ejectar parte de si mesmo e entrar no objecto de uma forma controladora. A outra forma de identificação projectiva envolve uma fantasia inconsciente de projectar a componente do *self* no objecto externo juntamente com a pressão interpessoal no objecto para a conformidade com esta fantasia, por exemplo, pressão no objecto externo para experienciar-se como o objecto interno experienciava o *self* na relação de objecto interna. Para Odgen (1986) a identificação projectiva pode ser pensada como envolvendo três fases. A primeira fase envolve o livrar de uma fantasia projectiva inconsciente, depositando uma parte do *self* no outro. Na segunda fase, o sujeito que projecta coloca e exerce pressão sobre o outro para que este se experiencie e se comporte de forma congruente com a fantasia inconsciente projectada. Na terceira fase, o recipiente começa a pensar, sentir, e comportar-se de forma consistente com a projecção. É como se estes pensamentos, sentimentos e comportamentos pertencessem ao próprio. A identificação projectiva é, assim, um recrutamento coercivo de outra pessoa para desempenhar um papel na fantasia inconsciente externalizada pelo projector.

Para Klein (1964, cit. por Zosky, 1999) a clivagem é necessária para a identificação projectiva. Um parceiro cliva uma característica ou sentimento que é insuportável e projecta-o no parceiro, comportando-se este de acordo com a parte projectada. A identificação projectiva acaba por ser uma fantasia de se libertar das experiências intoleráveis pela sua evacuação num objecto e exercer controlo sobre as partes rejeitadas, que são sentidas como estando dentro e fazendo parte do outro (Silverman & Lieberman, 1999).

A identificação projectiva é um mecanismo importante e que se encontra presente na dinâmica do casal com história de violência doméstica. O agressor e a vítima forçam cada um a comportar-se de acordo com as partes do *self* ou do objecto projectadas um no outro, sendo isto central para a escalada sistemática de tensão que leva à violência na relação.

Sabe-se que a violência doméstica é mais provável de ocorrer quando pessoas com características psicológicas específicas se juntam. Alguns vínculos sadomasoquistas parecem resultar do facto de

a pessoa escolher um parceiro com uma tendência preexistente para o abuso. Noutros casos, a mulher parece ligar-se a um tipo de parceiro adequado mas traz ao de cima o pior que existe nele (McWilliams, 2005). A violência doméstica pode-se iniciar devido a relações de objecto interno patológicas existentes em ambos os parceiros (Coogan and Porcerelli 1996, cit. por Crabtree, 2008). A formação e conteúdo do mundo interno são recreados nas relações passionais (Zosky, 1999). O conteúdo do mundo interno molda a identidade e contribui para as distorções do *self*, da parceira, e das relações que são subjectivamente vivenciadas (Siegel, 1992, cit. por Zosky, 1999). As representações do *self*, dos outros e as relações adultas são estabelecidas com base nas introjecções das relações primárias. As relações de objecto internas e os conflitos intrapsíquicos são defendidos contra, repetidos, vivenciados, ou dominados nas relações interpessoais íntimas. Framo (1982, cit. por Zosky, 1999) refere que as situações da vida na realidade externa não são só interpretadas inconscientemente através do mundo interno, mas também são efectuadas tentativas inconscientes para forçar ou mudar as relações próximas de forma a que estas se moldem ao modelo interno. As pessoas frequentemente escolhem parceiros que recriam as interações precoces. Tanto a vítima como o agressor são responsáveis pela relação abusiva devido às suas estruturas internas (Crabtree, 2008). Estes repetem as suas relações negativas porque internalizaram estes objectos negativos e as suas relações (Morehead, 2002).

Para melhor se compreender a ligação entre a vítima e o agressor e a sua dinâmica relacional e interna é importante fazer referência ao sadismo, masoquismo e às relações de sadomasoquismo.

Contudo, antes de entrar nestas questões, é importante fazer referência à pré-adolescência para se compreender o porquê da escolha desta faixa etária para o presente estudo.

2.2 - A pré-adolescência

A pré-adolescência corresponde a um período de maturação entre a infância e a idade adulta, iniciado por mudanças fisiológicas, ou seja, pela puberdade. Dá-se a reformulação das representações relacionais, ocorrendo uma alteração na estrutura interna do pré-adolescente. Estas transformações iniciam-se na puberdade e terminam com a formação do carácter ou personalidade que marca o início da vida adulta. Nesta altura aprende-se a lidar com as fantasias e impulsos que antes eram desconhecidos (Sampaio, 2006, cit. por Sampaio, 2010). As transformações corporais introduzem a necessidade de novas relações com o corpo. A puberdade traz um corpo sexualmente amadurecido, com um potencial adulto para a acção das pulsões agressivas e libidinais. O jovem procura durante esta fase a sua identidade e autonomia, passando pelo segundo processo de separação-individação que é uma fase estruturadora de todo o processo adolescente (Sampaio, 2010). Neste processo ocorre a perda das dependências

familiares, de natureza emocional e afectiva e a mudança das relações objectais. Sendo a desidealização das figuras parentais da infância a componente mais difícil deste processo. Loewald (1962, cit. por Ferreira & Nelas, 2002) refere que nesta fase ocorre o trabalho de luto enquanto processo de abandono gradual do objecto perdido e afirma a existência de processos de internalização de elementos da relação com o objecto a ser abandonado.

Na pré-adolescência decorre a construção de novas identificações tanto com o feminino como com o masculino. Sendo uma altura de início da consolidação das identificações e da conquista de uma identidade (Mijolla & Mijolla-Mellor, 2002). A pré-adolescência marca em função da puberdade, o fim da estabilidade da identidade da infância e o início da construção de uma nova identidade (Erikson, 1976, cit. por Macedo, 2011). A construção da identidade dá-se através de um período de questionamento e exploração até se chegar à fase da sua conquista (Grotevant & Cooper, 1998, cit. por Macedo, 2011). Este processo de construção liga-se com o relacionamento familiar. Na fase de exploração e questionamento, os jovens têm tendência a distanciarem-se emocionalmente das figuras parentais. Mas Grotevant e Cooper (1998, cit. por Macedo, 2011) referem que é necessário estabelecer-se relações de proximidade com as figuras parentais porque para compor a identidade é necessário ter tido a oportunidade de identificação com estas e a tomada de algumas qualidades desejáveis. A identidade do sujeito evolui ao longo da pré-adolescência e vai-se apoiando nos modelos extra-familiares, integrando uma parte da identificação com os pais em particular com a figura parental do mesmo género. A formação da identidade pressupõe a integração das identificações infantis precoces com outros aspectos psicológicos e psicossociais. A procura de identidade impele o jovem a rejeitar e a revoltar-se contra os pais. Esta rejeição tem como função libertar o jovem de identificações infantis aos pais e do controlo e autoridade por estes exercidos. O distanciamento das figuras parentais e a sua rejeição pelo pré-adolescente podem ser interpretados em termos da revivência do Complexo de Édipo. Nesta fase ocorre uma mudança do objecto de amor e um ajustamento do desejo genital sobre o objecto de amor. A posição adoptada na resolução do Complexo de Édipo, no que diz respeito à sexualidade e ligação com as figuras parentais, é reavaliada. Há uma tentativa de manutenção do que foi estabelecido, no qual o jovem reafirma a identificação com o progenitor do mesmo género e identifica as características do progenitor do género oposto como aquelas a apresentar pela pessoa com quem se irá relacionar amorosamente (Freud, 1906, cit. por Domingues, Domingues & Baracat, 2009).

Para se atingir uma identidade adulta, o adolescente deve fazer uma síntese de todas as identificações desde a infância. Sendo que no final da adolescência surgem qualidades integrativas

associadas ao *self* que permitem um processo adaptativo, caracterizado pela revisão das primeiras identificações.

2.3 - O Sadismo e o Masoquismo

O sadismo e o masoquismo estão potencialmente envolvidos em todos os aspectos das relações humanas e fantasias intrapsíquicas (Buie, Meissner & Rizzuto, 1996). Existe uma dimensão intersubjectiva na realidade ou fantasia. Se uma pessoa inflige dor e humilhação, outra tem de sofrer e ser humilhada. Deste modo, o sadismo e o masoquismo aparecem como um par complementar, não só ao nível interpessoal, mas também ao nível intrapsíquico, onde as inclinações sádicas alternam com as masoquistas (Buie Meissner & Rizzuto, 1996). É impossível conceptualizar o sadismo sem o masoquismo (Blum, 1991). Contudo, tanto o sadismo como o masoquismo só emergem quando os parceiros que se juntam se complementarem um ao outro. Ou seja, este par só emerge quando o sádico e o masoquista se juntam, sendo que o sadismo de um sujeito pode não tomar forma se a parceira ou parceiro não tiver as “características” masoquistas que complementem as suas características sádicas.

Para Berlinder (1958) o que é primário é a procura do amor parental, não o sadismo ou o masoquismo. A agressão aparece como uma forma de obter o amor necessário a qualquer preço. Berlinder (1958) refere que o sadismo é a identificação com um objecto sádico e as suas acções. Refere que o sadismo aparece como uma actividade intrapsíquica ou externa proporcionada pelo esforço psíquico de ultrapassar obstáculos. O primeiro obstáculo encontrado é a incapacidade ou resistência dos objectos de providenciar algo que é necessário fisicamente e ao nível do desenvolvimento. Outro dos obstáculos é o auto questionamento profundo sobre ser amado e aceite como um objecto. Deste modo, a componente agressiva do comportamento sádico é um esforço adicional para ultrapassar estes obstáculos. O objectivo final do acto sádico é principalmente a obtenção do amor parental. Quando o sádico é incapaz de alcançar os resultados pretendidos, recorre a projecções e comportamentos que podem “forçar” o objecto a fazer o que este pretende. O sádico usa o que for necessário para obter o que é desejado do objecto, podendo forçar o objecto a dar o que deseja. O esforço desesperado de obter a resposta do objecto representa a agressão, o que pode tomar a forma de acções sádicas que forcem o objecto a reconhecer o sujeito e a amá-lo. A repetição destas acções é apenas um esforço contínuo mas ineficaz de ultrapassar este obstáculo interno (Rizzuto, 1999).

Para Ghent (1990), no sadismo existe uma necessidade de controlar agressivamente o outro como uma perversão do uso do objecto. Existindo no masoquismo uma perversão de redenção. Contudo, o fim sádico, que consiste em infligir sofrimento, pode também aparecer

retroactivamente. Ou seja, causando sofrimento, o sádico tem a sua própria maneira masoquista de identificação com o sofrimento do objecto.

A identificação com o agressor tem um papel importante na estrutura defensiva do sádico. Tal como o masoquista, este tem uma face pública, de agressor, e uma face privada, de vítima (Bonaparte, 1952, cit. por Avery, 1977). Uma parte dele “quer” bater no masoquista de forma a rejeitar o seu próprio *self* vulnerável (Dicks, 1963, cit. por Avery, 1977). Porém, ao fazê-lo, masoquistamente renuncia o amor já disponível pela parceira masoquista. Cobrando submissão em vez de amor.

Kernberg (1995) afirma que o sadismo pode apresentar-se sob a forma de crueldade racionalizada que inclui desejos de humilhar o objecto. O sadismo caracteriza-se pelo desejo não de eliminar, mas de manter a relação com o objecto através de uma relação objectal entre um agente sádico e uma vítima indefesa. Pode existir o desejo de dominar o objecto na procura de poder sobre ele, sendo os componentes sádicos, aqui incluídos, os ataques ao objecto que são auto limitados pela submissão do objecto e reconfirmação implícita da liberdade e autonomia do mesmo.

Para Stolorow (1975), o sadismo pode funcionar para restaurar a representação do *self* fragmentado. As características predominantes nas pessoas com sadismo sugerem um desapontamento precoce pela ausência de um objecto primário idealizado e uma conseqüente fixação no *self* grandioso primitivo como um método favorável de restauração e sustentação da auto-representação danificada (Kohut, 1971, cit. por Stolorow, 1975). A agressão é, assim, uma resposta às feridas narcísicas, e serve para restaurar a auto-representação danificada. Qualquer frustração representa um insulto narcísico implicando uma ameaça de fragmentação e desintegração. As respostas agressivas à frustração devem-se à vulnerabilidade narcísica extrema e à urgente necessidade de reparação narcísica (Stolorow, 1975).

O sádico pode adquirir um sentimento de estar vivo e real através do processo de identificação com a dor que induz na vítima. Forçar a atenção de uma audiência real ou imaginária através da sua crueldade providencia ao sádico a experiência necessária de reconhecimento. O sádico pode procurar restaurar na sua vítima a imago de uma figura parental idealizada, indo a vítima pacientemente absorvendo e sobrevivendo à punição que ele administra e permanecendo como uma presença narcísica que sustenta, apesar da agressividade do sádico contra ela. O sádico pode procurar um vínculo narcísico num sentimento de identidade com o seu *self* arcaico grandioso através do exercício exaltado de poder que cria a ilusão de sentimento de total controlo onipotente sobre a sua parceira masoquista (Fromm, 1973, cit. por Stolorow, 1975). Para Buie e colaboradores (1996), a motivação do sádico é a de sobrecarregar a resistência do objecto, de

superar sentimentos de não ser amado e de ser impotente, e de demonstrar poder. Já Hermann (1936, cit. por Leonoff, 1997) percebe o sadismo como estando ligado a uma intensificação regressiva daquilo a que ele descreve como o desejo de se vincular. Este coloca o sadismo na esfera da defesa narcísica contra a ameaça da autonomia do objecto.

Rosenfeld (1971, cit. por Leonoff, 1997) refere que face a um medo primitivo desarticulado, o sádico triunfa sobre a morte ao tornar-se o seu agente. Clinicamente, este medo pode ser expresso através de um medo maligno de passividade, impotência, ou colapso do ego. O sádico pode-se defender disto através de momentos de triunfo sádico, nos quais, através do controlo onipotente do objecto, simbolicamente garante a sua sobrevivência. O sadismo acumula grandiosidade e através da agressão evita a morte psíquica ao tornar-se o precursor da mesma. A onipotência serve fins mortais através do narcisismo destrutivo, uma idealização dos elementos violentos que destroem as partes dependentes e amorosas do *self*.

Stoller (1975, cit. por Leonoff, 1997) afirma que uma das formas de sadismo consiste numa colaboração masoquista do objecto. Nesta forma de sadismo, ocorrem encenações interpessoais perversas bem como formas menos óbvias de loucura narcísica a dois, tal como se pode observar nos casais sadomasoquistas. Leonoff (1997) refere que o sadismo não pode ser adequadamente delineado sem se referir a sua participação profunda na total dominação do objecto e consequente submissão do mesmo. O sadismo representa um composto de elementos destrutivos e onipotentes os quais se reforçam um ao outro ao serviço dos fins sádicos. A dor e a submissão do objecto definem a onipotência mortal do sádico, enquanto o sadismo exige demonstrações ousadas de destruição e triunfo sobre a vulnerabilidade, necessidade e medo da dor e morte. O sadismo é uma demonstração e afirmação do triunfo onipotente, não simplesmente sobre o objecto mas sobre a ideia de limitar-se a si mesmo. O sádico não tem outro ego que não o da vítima. Ficando reduzido a um superego puro que exerce a sua crueldade. O evento sádico é um homicídio simbólico do *self* fraco e necessitado juntamente com o objecto necessário. O sadismo apega-se à primazia da destruição do outro como uma forma perversa de auto-definição. A supremacia sobre o objecto convence o sádico de que ele dominou a condição humana e não será sujeito às suas limitações. Pode-se definir o sadismo não através da sua expressão comportamental, mas pelo seu objectivo de alcançar a auto-definição e sobrevivência narcísica através da degradação física e psíquica e da aniquilação do objecto. O sádico mata a vontade da vítima e é, na sua mente, refeito como um mestre cruel e absoluto. Ele faz isto ao projectar toda a sua fraqueza, necessidade e vulnerabilidade na vítima. O sádico é incapaz de se voltar para o objecto para procurar consolo, mas ganha conforto porque consegue demonstrar a

sua indiferença ao objecto como fonte de necessidade. O sádico redefine-se pela onnipotência destrutiva que assegura-o de que o seu ego sobreviveu.

Tal como referido anteriormente, o sadismo pode ter lugar na relação se o parceiro ou parceira do sujeito apresentar características complementares às suas, ou seja, se apresentar características masoquistas que complementam as suas características sádicas. Para Berlinder (1958) um pré-requisito para o masoquismo é a existência de uma relação com outra pessoa. A outra pessoa é fundamental na concretização de todo o processo masoquista. Para este processo masoquista ter lugar, o parceiro tem de ser um sádico, ou pelo menos uma pessoa que faz ao masoquista “o favor” de exercer o papel de sádico. Berlinder (1958) refere que o masoquismo é uma forma patológica de amar. Significa amar uma pessoa que maltrata. O masoquismo é uma estrutura defensiva contra a necessidade de amor e a experiência de não ser amado. O conflito entre a necessidade infantil de ser amado e a experiência de sofrimento nas mãos do objecto de amor é o padrão causal mais básico em todos os casos de masoquismo. O masoquismo é uma função do ego como forma de manter uma relação de amor desejada com o objecto primário (Menaker, 1953). As atitudes masoquistas são um pedido de afecto ao objecto de amor. As experiências da criança resultam numa estrutura de carácter que mantém a situação original viva através das transferências para qualquer pessoa ou conjunto de circunstâncias (Berliner, 1958). O objectivo da defesa masoquista não é o sofrimento mas o seu evitamento. Contudo, como todas as defesas, o seu insucesso ajuda ao retorno do recalçado. O sofrimento reaparece como o preço a ser pago pela obtenção de um pouco de amor. A criança dependente de forma a não perder o objecto de amor, submete-se e aceita o sofrimento que o objecto impõe como se fosse amor. Deste modo, o amor do objecto, ou a imaginação do mesmo, pode ser obtido através da submissão e sofrimento. A criança introjecta o objecto devido a uma necessidade oral do seu amor. Simultaneamente recalca qualquer reacção hostil contra o objecto porque esta poderia causar a sua perda. Com o recalçamento da hostilidade e a aceitação do sofrimento, este perigo da perda do objecto de amor, que está sempre presente, é negado (Berliner, 1958). A criança não gosta do sofrimento, mas porque ama a pessoa que o causa, o mau trato é libidinizado (Berlinder, 1947). A ligação libidinal ao objecto, e o recalçamento da percepção dos danos, devido à necessidade de amor, coloca o sofrimento no lugar do amor. A dor representa, inconscientemente, o objecto de amor que já originou dor e sofrimento anteriormente. Todo o sofrimento masoquista é o amor e o sadismo de outra pessoa (Berlinder, 1947). A criança aceita o ódio e mau trato como se fossem amor, não tendo consciência da diferença, e introjecta o mau objecto de forma a guardá-lo como um objecto de amor. Assim, os impulsos destrutivos devem-se à internalização dos impulsos destrutivos do objecto de amor, sendo a agressão dirigida contra o *self*, a agressão do objecto de

amor. O sadismo do masoquista resulta da identificação com o sadismo do objecto de amor. O masoquismo é o ódio ou o sadismo do objecto reflectido na libido do sujeito (Berlinder, 1940, cit. por (Buie Meissner & Rizzuto, 1996). O sujeito aceita o sadismo do objecto de amor por razões libidinais e volta-o contra si mesmo pela introjecção, identificação e formação do superego (Berlinder, 1947). O sofrimento é introjectado, e após esta introjecção ocorrer, o objecto de amor e o sofrimento causado pelo mesmo tornam-se constituintes do superego. O superego força o sujeito a reviver e a reactivar o trauma original (Berliner, 1958), sendo este quem mantém a situação original viva através da transferência para qualquer pessoa adequada ou para um conjunto de circunstâncias na vida. O sujeito reencena nas suas relações interpessoais uma devoção submissa devido a uma necessidade do amor do objecto. Assim que o objecto de amor se torna parte do superego, o desejo constante de o agradar faz com que o sujeito perca a sua identidade e se torne ele mesmo tão desprezível como sente que a figura parental queria que ele fosse (Menaker, 1953).

O comportamento provocativo do masoquista dá a impressão de que necessita, e muitas vezes, pede punição. A agressividade masoquista é um apelo intenso por afecto. Mas a procura de amor através do sofrimento não é substituída pela agressão, ela permanece a base da operação para esta última. Quando o masoquista marca o seu sofrimento com demonstração ou exibição de sofrimento ele sente que isso lhe dá direito de ser amado, e também prestígio e dominação (Berlinder, 1947). Infligir-se sobre o objecto de amor é um gesto mágico concebido para induzir o objecto a mudar e a dar mais amor. A ideia de que o objecto poderia não gostar desta provocação é recalcada. O amor do parceiro pode ser posto à prova, prova essa difícil de superar, o que consequentemente leva a que a frustração antiga seja reencenada. A chamada violenta por amor dá ao masoquista a sensação de que tem o direito de punir o objecto (Berlinder, 1947). A mistura ambivalente de apelo por afecto com agressão aparece particularmente na atitude que expressa a ideia do “Vais-te arrependar” (Berlinder, 1958). O objecto de amor que não pode ser abandonado é punido através das atitudes auto-destrutivas destinadas a fazer a outra pessoa culpada, e simultaneamente preocupada pelo sujeito (Berliner, 1958). O masoquista impõe-se a si mesmo sobre o objecto de amor com possessividade, tentando extorquir amor. O masoquista sabe que necessita de amor, deste modo, actua como se fosse o dever do parceiro amá-lo. A procura masoquista de amor permanece a base operacional e o propósito da agressão (Berliner, 1958). A projecção da hostilidade por parte do masoquista também é frequente. Contudo, há mais projecção de amor para o parceiro do que projecção de hostilidade. A necessidade de amor resulta na necessidade de desculpar a figura parental, como se o sujeito fosse mau e a figura parental não. Fazer pena ao objecto de amor frustrante resulta da necessidade de voltar para o

mesmo. Ou seja, punir o objecto que antigamente puniu, mas que ainda assim deve ser preservado como um objecto de amor necessário. Verifica-se que as atitudes agressivas do masoquista parecem semelhantes às do sádico (Berliner, 1958). Contudo, se o sujeito for masoquista, estas atitudes semelhantes ao sadismo são secundárias ao seu apelo por afecto do objecto. No impulso de punição, a situação traumática original é reencenada pela identificação do masoquista com o objecto de amor frustrante. O mecanismo de defesa aqui envolvido é a identificação com o agressor. No caso do masoquismo o agressor é o objecto que deu à criança ódio ou rejeição. Esta identificação é o mecanismo mais poderoso no masoquista e na sua defesa contra a culpa e o sofrimento. O impulso de punição está associado a um sentimento de justiça. Contudo, não é o sentimento de que punir a figura parental rejeitante irá ser uma vingança justa. É um sentimento que surge do superego (Berliner, 1958). A pessoa sente que está a fazer a coisa certa de acordo com o objecto sádico, cujo amor o sujeito implora, e que irá ganhar o amor e a aprovação do objecto ao expressar tendências agressivas que copiam as do objecto. Estas tendências agressivas, originalmente experienciadas no objecto de amor, aparecem de duas formas. São dirigidas contra o ego, causando sofrimento auto-infligido, ou seja, auto-punição, ou são direccionadas contra o mundo externo da forma como o objecto de amor original tratou os objectos externos (Berliner, 1958). A agressividade do masoquista não é a manifestação do seu sadismo primário, pois este último só fornece parte da energia com a qual a identificação com o agressor é posta em acção. É esta imitação que faz o masoquista sentir que ao ser agressivo ele é da maneira que é suposto ser. A necessidade de punição é a aceitação do impulso de punição que opera no objecto de amor, resultando na punição de si mesmo e na punição dos outros, desenvolvendo-se, assim, o próprio impulso de punição e a sua passagem para a geração seguinte. A punição é procurada porque ajuda a controlar a própria agressividade que poderia causar a perda do objecto de amor. A necessidade de punição ou a auto-punição é, assim, um apelo ao afecto (Berliner, 1947). Existe uma tendência de cometer ataques contra o objecto de que necessita, sendo esta reacção seguida de depressão e comportamento submisso (Kernberg, 1995). Ao sujeito aceitar o seu papel como sem valor na submissão à figura idealizada, acaba por ocorrer um tipo de “sedução do agressor” (Lowenstein, 1957, cit. por Coen, 1992). É sedutor oferecer ao outro a perspectiva grandiosa de puder fazer o que deseja e lhe agrada. Quando ocorre uma desilusão radical, uma rejeição severa ou abandono pelo objecto, precipita-se a descompensação do equilíbrio masoquista, sendo que o masoquista pode procurar restaurar a sua auto-representação ao reactivar o *self* primitivo grandioso e onnipotente (Kohut, 1971, cit. por Stolorow, 1975). A raiva narcísica, a coerção hostil, a chantagem emocional e a extorsão exigem amor. A tentativa de controlo sobre o objecto de amor é uma das características principais do carácter masoquista (Grossman, 1986, cit. por Young & Gerson, 1991). Lowenstein (1957, cit.

por Young & Gerson, 1991) descreveu isto como o domínio activo sobre um perigo experienciado passivamente.

Os sujeitos são implacáveis na procura de maus objectos. A necessidade torna-se primeiro a necessidade de criar ou de recriar os maus objectos antigos, e depois pressionar, manipular, forçar, coagir os mesmos a mudar. O sujeito tem a necessidade de recriar a situação traumática. Este pode reencontrar o mau objecto antigo em qualquer uma das seguintes formas: pode escolher um bom objecto e experienciá-lo como mau (através da projecção); pode escolher um bom objecto e exercer pressão sobre ele para que o mesmo se torne mau (identificação projectiva); ou pode escolher um mau objecto.

O masoquista ao encontrar o seu sádico faz com que este se torne dependente do cenário que o masoquista implementa. Pode-se desenvolver um vínculo em algumas vítimas para que as pessoas à sua volta possam desempenhar o papel de carrasco. Podendo, ou não, acabar por ocorrer uma compulsão da repetição da ligação sadomasoquista, se o parceiro apresentar as características necessárias para o exercício do papel de carrasco.

2.4 - Relações de sadomasoquismo

De acordo com Avery (1977) o sadomasoquismo é considerado um tipo de relação de objecto que serve para defender os sujeitos da perda do objecto. O sádico e o masoquista são capazes de jogar os dois lados de indução de dor/sofrimento na relação de objecto. Contudo, uma função deste tipo de relação pode ser a defesa contra a perda do objecto. A relação é conduzida sob regras estritas e ambos os parceiros sabem precisamente qual é “o ponto de ruptura” dos seus laços com o objecto. As agressões sérias terminam numa paradigmática ameaça: a dissolução da relação. A dissolução da relação é iminente e, se acontecer, o parceiro mais necessitado e fraco irá sofrer a grande perda. A submissão à ameaça significa que um dos parceiros aceitou a posição de subordinado. Desafiar o subordinado é ganhar, ou seja, é tornar-se dominante se a ameaça de separação não for fundamentada. Caso a ameaça de abandono se materialize, ocorre o último perigo: a separação. Os conflitos conjugais aparentemente intoleráveis podem continuar indefinidamente desde que ambos os parceiros se mantenham dentro dos limites prescritos. A catexia da relação de objecto tanto tranquiliza contra a solidão como deixa vulnerável à perda. A dominação sádica numa relação cria a ilusão de maior controlo, mas contém, também, um convite à renúncia da ligação ao objecto. É precisamente contra esta dialéctica, de que cada ligação envolve o risco de uma ruptura, que a relação sadomasoquista se estabelece. Por detrás

deste tipo de relação está o medo da perda. O problema não está só na perda do objecto externo, pois existe uma ameaça mais profunda, que advém da potencial perda dos objectos internos. A exigência implacável dos objectos internos de que o sujeito sofre, destaca uma segunda característica das relações de objecto sadomasoquistas, nomeadamente, o medo da proximidade libidinal. O masoquista satisfaz o seu objecto interno sádico pela submissão evidente às agressões do seu parceiro. Secretamente é desafiante e contínua à procura de gratificações libidinais (Reik, 1941, cit. por Avery, 1977). Tais desafios são toleráveis, até certo grau, antes de o superego ameaçar o ego com o abandono. Esta ameaça é apaziguada com mais sofrimento ficando o ciclo completo. A constante vigilância contra a perda do objecto real não provém simplesmente de uma ameaça externa ao vínculo. Muitos casais sadomasoquistas “sabem” que nenhum deles irá querer se separar, o que prova que certos limites são respeitados. Contudo, na medida em que os desejos libidinais estão sempre em pressão contra as proibições do superego, cada parceiro está sempre ameaçado de abandono pelos seus objectos internos. E é esta ameaça interna que é externalizada nas relações sadomasoquistas. O sadomasoquismo expressa e tenta resolver o conflito entre o desejo libidinal e o medo da perda do objecto interno. Muitos dos objectivos libidinais são renunciados tanto pelo masoquista como pelo sádico e, por sua vez, os objectos internos sádicos são satisfeitos. Através da exteriorização, o medo da perda do objecto interno é experienciada, tal como o medo da perda dos objectos externos (Avery, 1977).

Para Coen (1992) as relações de objecto sadomasoquistas são uma forma de amar e odiar os outros e o próprio. Estas relações estão relacionadas com formas intensas de envolvimento com o outro, e com formas de atenuar os perigos da separação, da perda, da solidão, do sofrimento, da destruição, e da culpa. A agressão e a sexualidade são adaptadas para este fim, de conexão intensa com a outra pessoa. A relação de sadomasoquismo pode ser vistas como um sistema defensivo complexo contra a destruição e perda, no qual a relação é continuamente levada ao limite, com a garantia de que esta nunca irá acabar. Devido ao facto de a separação ser demasiado assustadora para ser tolerada, o sujeito irá temer e ser incapaz de renunciar a esta ligação. Apesar das ameaças, lutas, provocações, e excitações, as relações de sadomasoquismo tendem a ser estáveis, duráveis, e muito resistentes à mudança. A excitação sadomasoquista envolve entrar no que é perigoso e proibido, ou seja, no que é inapropriado, doloroso, infantil, regressivo. Os sentimentos e experiências de excitação intensa substituem o amor genuíno e defendem contra sentimentos negativos no próprio e no outro. O casal tem dificuldade de estar separado e sentir-se valioso, deste modo, devem estar um com o outro e um para o outro. Tudo isto é idealizado como se fosse um amor maravilhoso (Coen, 1992). Os sentimentos de grandiosidade e excitação, que parecem veneração, preenchem a lacuna dos sentimentos de não ser amado. Quando a

promessa de tal veneração é frustrada, a raiva, a dor e a rejeição são evocadas. Estes sentimentos ameaçam a dissolução do vínculo e levam a mais provocação e ataque de forma a que o sujeito se volte a reconectar, ainda mais intensamente, com o parceiro. Tais indivíduos tornam-se adictos da ilusão de veneração por parte do outro. É excitante sentir que se é capaz de induzir intensas respostas afectivas na outra pessoa, de se sentir no controlo e dominante, capaz de fazer o outro sentir-se mal, culpado, fraco, inferior e defeituoso. É excitante ter a outra pessoa na palma da mão, de fazê-la chegar ao ponto em que perde o controlo, atacando e saindo, e de ter a certeza de que a perda nunca irá ocorrer. Quando o sujeito é aterrorizado pela separação e destruição, é muito reconfortante sentir-se capaz de combinar o conseguir livrar-se do parceiro com o conseguir que o mesmo não abandone o vínculo (Coen, 1992). No sadomasoquismo a ilusão de amor esconde a destrutividade e o desejo de abusar do outro. Os impulsos agressivos disponíveis penetram as relações de objecto ao serviço da vinculação intensa, do relacionamento e da dominação. O objecto não pode ser deixado sozinho, fora da sua própria órbita. O casal não pode nem estar confortavelmente junto nem estar separado. O ódio leva o casal a separar-se. O medo da separação e a solidão força-os a permanecer juntos. O controlo, o domínio, a submissão, e a excitação de afectos intensos pela manipulação onipotente mantém o casal comprometido e junto. O uso da negação e da identificação projectiva pelos membros do casal tem como objectivo colocar no outro o que não pode ser tolerado no próprio. O outro fica como sendo o “mau” que tem de procurar absolvição e o perdão amoroso de si mesmo, pois o que interessa é ser aceite pelo outro. Durante as fases de reunião, cada parceiro sente-se aceite, perdoado e já não como mau. A maldade de cada um é magicamente rejeitada. Ambos os parceiros são, agora, bons, e os outros é que são maus (Coen, 1992). O outro existe, até certo grau, para ser usado para as necessidades do próprio sujeito. Uma negação parcial da sua identidade separada permite a sua ilusória transformação num objecto necessário. Nesta relação ocorre a desumanização, a degradação de parte do objecto, a identificação projectiva, a manipulação onipotente e a exploração. A outra pessoa deve ser controlada e deve ser negada a sua autonomia e separação. Sentimentos de ódio e privação sem a capacidade suficiente de serem contidos e balanceados com algum sentimento de ser amado e cuidado podem evocar relações patológicas que envolvem o abuso. O sujeito sente que tem o direito de obter o que deseja do outro, outro esse que existe para o gratificar. A raiva do sujeito, a sua exigência e destrutividade em tal abuso do outro tende a ser dissociada e justificada. Ao se envolver em excitação repetido com o outro, faz com que este seja responsável por ele, usando-o para gerir o que o sujeito sente que não consegue. Esta forma de relacionamento é uma forma patológica de dependência na qual o sujeito seduz e convence o outro de que tem que tomar conta de si. O outro serve para providenciar a ilusão de amor e cuidado, dos quais o sujeito se sente privado.

Serve também para tranquilizar o sujeito contra os seus medos de separação, perda, destruição e culpa. O objecto torna-se o repositório para o que o sujeito não consegue tolerar em si mesmo. A relação com o outro serve para tomar o lugar e negar o que está mal com o sujeito. Isto torna-se um abuso destrutivo da outra pessoa, a favor das necessidades do sujeito, sendo as necessidades do objecto e a sua separação negadas e ignoradas. A ilusão de que o casal está envolvido numa forma de amor especial esconde a destrutividade e exploração cruel. Ao sujeito conseguir extrair a ilusão de ser amado, pode negar a sua raiva e destrutividade. A adição ao sentimento de ser amado é necessária para acalmar a própria raiva destrutiva (Coen, 1992).

As relações de sadomasoquismo podem ser observadas nos casais que sofrem de violência doméstica. A vítima e o agressor apresentam uma dinâmica própria que leva ao início da escalada de violência na sua relação, tendo o masoquismo e sadismo de cada um, um papel importante.

2.5 - Dinâmica Relacional Vítima/Agressor

Twemlow (1995) refere que muitas relações entre a vítima e o agressor apresentam características próprias, tais como a dependência emocional e o sentimento de incompletude. A dependência emocional é caracterizada pelo facto de cada parceiro se sentir ligado um ao outro por forças que estão para além do seu controlo. O controlo sádico e o medo, em vez do êxtase do amor, são os afectos dominantes. O agressor expressa grandiosidade, sadismo, e fantasias de controlo à medida que a vítima se torna mais submissa. Quanto ao sentimento de incompletude, refere-se ao facto de a passividade da vítima e a actividade do agressor complementarem cada um dos parceiros de forma bizarra (Twemlow, 1995). O grau com que a vítima se funde com o agressor, provavelmente numa tentativa de masoquistamente se identificar com ele, é algumas vezes extremo (Twemlow, 1995).

A teoria dos “laços traumáticos” foi desenvolvida por Dutton e Painter (1981, cit. por Young & Gerson, 1991) para explicar os laços emocionais fortes existentes entre a mulher vítima e o companheiro agressor. Dois dos factores existentes no laço traumático são, o desequilíbrio de poder existente, onde a pessoa maltratada é subjugada ou dominada pelo outro, e a natureza intermitente do abuso. Nas relações de violência doméstica existe um desequilíbrio no poder de cada um dos conjugues, tendo um o papel de dominador e o outro o papel de subjugado. Sendo o desequilíbrio de poder uma das variáveis para o aumento do vínculo entre a vítima e o agressor. À medida que o desequilíbrio de poder aumenta, a pessoa subjugada sente-se mais negativa na sua auto-avaliação, mais incapaz e com mais necessidade e dependência do dominador. Este ciclo produz dependência e baixa auto-estima, criando-se um laço afectivo forte por parte da pessoa

mais fraca para com a pessoa com mais poder. A pessoa numa posição de maior poder desenvolve um sentimento exagerado do seu próprio poder, tal como a pessoa com menos poder desenvolve um sentimento exagerado da sua própria impotência. Isto mascara a dimensão na qual a pessoa de grande poder é dependente da pessoa de pouco poder, de forma a esta manter o seu sentimento de transformação de impotência em onipotência. Esta onipotência é baseada na capacidade do dominador de manter o controlo absoluto na relação. Quando os papéis simbióticos, que mantêm este sentimento de poder, são perturbados, a dependência mascarada do dominador na pessoa subjugada é subitamente revelada. Um exemplo, dado pelos autores Dutton e Painter (1993) da inversão súbita da dinâmica de poder, são as tentativas desesperadas de controlo, por parte do parceiro abusivo abandonado, de trazer a mulher de volta (através da intimidação, vigilância, coerção). Nas relações conjugais deste tipo, a desigualdade aumenta tanto, que o sentimento de cada parceiro do poder e impotência se alimentam a si mesmo. Neste processo, ambos os parceiros ficam ligados para manter o subsistema psicológico que preenche as necessidades criadas, em parte, pela dinâmica de poder em si. Hirigoyen (1998, cit. por Broué, 2002) refere que três dimensões estão em acção na relação: uma acção de apropriação por espoliação do outro que fica paralisado pelo medo, uma acção de dominação onde o outro é mantido num estado de submissão e dependência, e um dimensão de “marcação”, onde o agressor tenta deixar a sua marca no espaço de vida da sua vítima. O resultado da violência é amplificado pelo aparecimento de um clima de medo e do aparecimento de um estado constante de ansiedade por parte da vítima.

Quando os abusos são intermitentes e inconsistentes no tempo pode ocorrer um aumento das tentativas de proximidade e ligação à figura maltratante. O agressor maltrata intermitentemente e periodicamente a vítima através de ameaças, violência verbal e física. A compensação pelo abuso é caracterizada por comportamentos compostos por promessas de mudança, promessas de que o abuso nunca mais irá ocorrer e proclamações de amor. Muitas mulheres permanecem na relação devido a estes períodos de reconciliação. Este padrão conduz a vítima a ignorar o problema ou a pensar nele como aberrante, e uma parte excepcional da relação (Rounsaville, 1978, cit. por Dutton & Painter, 1993). Os sentimentos de culpa e arrependimento, por parte do agressor, levam-no a tentar reparar o que foi feito através de um tratamento de amor dado à mulher. Assim, ele torna-se, temporariamente, o preenchimento de uma fantasia esperada pela mulher e ao mesmo tempo, o seu melhor comportamento serve para evitar que esta abandone a relação.

Para os homens com organização da personalidade borderline, as relações servem para manter a integridade do ego. Com um sentimento de *self* instável e uma incapacidade de tolerar a solidão, estes dependem da sua relação com a parceira para prevenir a desintegração do *self*. O homem

não é capaz de comunicar as suas necessidades mas é extremamente exigente, tendo uma tendência para projectar os seus aspectos inaceitáveis no outro. Exige que a parceira faça o impossível, e quando esta falha, ou aparenta falhar, emerge a raiva porque o sentimento do *self* é ameaçado. Devido ao uso da projecção, como defesa, ocorre a externalização da culpa na parceira. Ele percebe a parceira, nesta fase, como “toda má”. Se este impasse se resolve, ele tende a perceber a sua parceira como “toda boa”, e ele próprio como mau, e entra na fase de arrependimento do ciclo de abuso (Walker, 1979, cit. por Dutton & Starzomski, 1993). As reacções de raiva podem indicar um sentimento instável do *self* nos homens que dependem do controlo da intimidade para a estabilidade da identidade, enquanto negam e mascaram a sua dependência inconsciente. O ciúme, que também caracteriza estes homens, pode ser visto como um subconjunto da sua dependência e a consequente ansiedade de perda da relação. Quando se trata de ciúme patológico, o sujeito começa a controlar todos os passos da parceira, exigindo estar informado de tudo o que acontece. O sujeito começa a isolar a parceira, não a deixando ter contacto com outras pessoas, de forma a diminuir as ameaças à relação. E recorre a instrumentos instintivos e agressivos, como ameaças ou insultos, como forma de desvalorização, humilhação e desprezo. Começando a parceira a sentir-se incapaz, impotente e desvalorizada. Este funcionamento patológico tem como objectivo a promoção da dependência amorosa. Os comportamentos e sentimentos relativos à dependência amorosa estão presentes nas relações imaturas entre o casal, no qual existe uma constante procura de assimetria e um comportamento de dominação-submissão.

Zosky (1999) afirma que o abuso verbal característico da violência pode ser uma função do processo da projecção das representações negativas internalizadas. Após múltiplas experiências de abuso verbal por parte do parceiro, muitas mulheres começam a acreditar que não têm valor. Isto pode ser devido à identificação projectiva, na qual os agressores projectam as suas representações negativas na parceira para que esta as carregue, e para que estas sejam controladas por ele. Estes sujeitos estão presos na posição esquizoparanóide e projectam as suas partes indesejadas na outra pessoa. A outra pessoa é condenada a comportar-se de acordo com o que é projectado. Este é um importante conceito na explicação da dinâmica de uma relação abusiva. A mulher actua como um recipiente para os sentimentos de insuficiência, impotência e auto-aversão do homem. Estes sentimentos são partilhados pelo homem e pela mulher. A mulher pode representar uma figura parental poderosa e persecutória que faz lembrar o medo do abandono e privação.

A mulher abusada é apanhada num ciclo onde quanto mais se identifica com a privação do agressor mais complicada a sua saída da relação se torna (Musson, 2008). Cada parceiro é seduzido a actuar de acordo com as partes não desejadas do outro, mutuamente contribuindo

para a escalada do conflito (Zosky, 1999). O agressor usa o abuso verbal e comportamentos agressivos para abusar da parceira fisicamente e psicologicamente. O agressor defende-se contra os seus sentimentos dolorosos e conflituosos projectando aspectos indesejados dele mesmo na parceira. Quando se identifica com a sua projecção, experiencia a sua parceira como atacante. Assim, a identificação projectiva pode levar aos ataques verbais e físicos pelo parceiro. Se ambos os parceiros lutarem com graus semelhantes de difusão de identidade, a agressão e a violência emergem. Para Tremlow (1995, cit. por Crabtree, 2008), o envolvimento do casal em identificações projectivas, permite ao agressor controlar e rejeitar as representações do *self* e do objecto, e também actuar como uma forma de comunicação e de relação de objecto, embora patológica. O homem pode percepção a sua companheira como um objecto rejeitante. Sentindo como se a sua parceira não estivesse a corresponder às suas necessidades, principalmente porque estas necessidades são infantis e irrealistas. Assim, usa comportamentos agressivos para activamente se vingar contra o objecto que ele sente que o está a frustrar. Ao contrário das suas experiências infantis de privação, onde ele não pode influenciar ou mudar o objecto rejeitante, como adulto tem o poder para activamente se vingar contra o objecto que sente que o frustra (Celani 1999). A mulher durante os momentos de tensão e agressão tenta apaziguar o homem e tenta dar-lhe o que ele quer de forma a acalmar a situação. Racionaliza as reacções do seu parceiro para com ela, desculpando o seu comportamento ao tomar o peso da maldade sobre si mesma. Não percepção o parceiro como rejeitante pois isso faria com que a mulher o perdesse. Se a mulher for bem sucedida a apaziguar o seu companheiro, a relação volta ao normal, se não a explosão violenta pode ocorrer (Lockley 1999, cit. por Crabtree, 2008). Quando a explosão ocorre, o aumento da violência do agressor sugere que este sente que a sua parceira falhou na satisfação das suas necessidades insaciáveis e inconscientemente vê a sua parceira como a figura parental que mais uma vez falha na satisfação das suas necessidades. A mulher inconscientemente vincula-se a um homem que lhe faz fisicamente, o que ela sente que lhe fizeram psicologicamente na infância. A mulher também exterioriza todo o ódio e raiva sentidos pela sua história de infância bem como pelos actos anteriores de violência pelo seu parceiro. Depois do episódio de violência o agressor encontra-se arrependido pelo seu comportamento. De acordo com Klein (1937), a culpa é um sinal de que o sujeito já não está a usar as defesas imaturas da posição esquizoparanóide, mas avançou no sentido de uma integração e da posição depressiva. Contudo, se o agressor tiver um ego fraco será incapaz de manter a posição depressiva durante muito tempo, mudando de novo para a posição esquizoparanóide e, assim, iniciar o abuso de novo. A vítima deseja ou tenta sair da relação depois do abuso. O agressor tenta fazer as pazes com a parceira e evitar que esta o deixe. De acordo com Klein (1937) isto é a tentativa do agressor de reparar a destruição efectuada contra o objecto. O medo

do abandono desencadeia a mudança da visão da sua parceira. O medo de perder a parceira faz com que esta pareça desejável, e toda a frustração que ele sentiu minutos antes é recalçada (Celani 1999). O agressor tenta prevenir que a sua parceira o deixe, tornando-se um “homem bom”, o “objecto excitante” que o ego libidinal da sua parceira deseja. O medo do abandono é tão grande que o agressor não mede esforços para convencer a sua parceira que a ama (Celani 1999). Depois da explosão abusiva, o homem volta a ser o homem charmoso pelo qual a mulher se apaixonou (Horley, 2000, cit. por Crabtree, 2008). Tipicamente, a vítima quer acreditar nas promessas do seu parceiro, e na esperança de que o seu objecto é “bom”, voltando para o mesmo e voltando o casal à fase da “lua-de-mel” (Walker, 1979, cit. por Crabtree, 2008). Ao longo do tempo, o ciclo do abuso torna-se mais frequente.

Pode-se verificar que a clivagem parece ser comum nas relações violentas descritas por Walker (1979, cit. por Zosky, 1999). A fase de lua-de-mel segue-se ao episódio violento com o aparente restauro do “bom objecto” depois do “mau objecto” experienciado durante a violência. As implicações da clivagem são muitas para os homens violentos. As partes clivadas do objecto são projectadas na parceira. A parceira carrega, assim, algo com o qual o homem está desconfortável; Um parceiro é forte enquanto o outro é fraco; um carrega a raiva enquanto o outro carrega a bondade; um carrega a lógica enquanto o outro carrega a emocionalidade (Stewart et. al., 1975, cit. por Zosky, 1999). Weitzman e Dreen (1982, cit. por Zosky, 1999) referem que os casais com história de violência doméstica ficam presos a papéis rígidos e complementares. A partir do momento em que a parceira é vista como “boa” ou “má”, a resolução de problemas e a escalada de conflitos é severamente desafiada (Siegel, 1992, cit. por Zosky, 1999). Sem a constância do objecto, os agressores são incapazes de manter ambos os sentimentos de amor e raiva pelo parceiro ao mesmo tempo. A parte “boa” do objecto não está disponível para modular a parte “má” do objecto, assim os agressores agem agressivamente contra as parceiras percebidas como “más”. A clivagem contribui para intensas mudanças de humor à medida que o *self* e o objecto são vistos como maravilhosos ou sem valor (Siegel, 1992, cit. por Zosky, 1999). A defesa da clivagem parece estar ligada com a dificuldade em regular a intimidade e a distância na relação. Ou seja, dependendo se o sujeito é visto como bom ou mau, os casais estão propensos a mudanças entre a intimidade e a distância. Destas clivagens deriva a identificação projectiva que está presente na dinâmica do casal. A identificação projectiva pode ser uma parte central da escalada sistemática de tensão que leva à violência na relação. A defesa da clivagem em mulheres abusadas tem uma tarefa grande à medida que são agredidas, enquanto o seu parceiro é raramente prejudicado. A sua estrutura do ego deve ser capaz de recalcar completamente a percepção do seu parceiro enquanto violento e enquanto um objecto rejeitante, e capaz de restabelecer a visão do

objecto como um objecto excitante. A mulher deve acreditar que a violência nunca mais irá ocorrer de novo (Celani, 1999).

De acordo com Gaillard (2008), na violência doméstica existe uma ligação por influência sedutora por parte de um dos parceiros que tenta capturar o desejo do outro. A posição da vítima e do agressor pode evoluir ao longo do tempo. Esta evolução corresponde à economia das relações de poder, de uma dinâmica de investimento de espaço e tempo comuns. Os fenómenos de violência estão ligados a ansiedades sobre as potenciais variações de uma organização de poder e de relações de domínio da ligação conjugal. Confrontado com as dificuldades de toda a existência da relação de casal, o sujeito reporta uma paisagem activa-passiva na qual ele se mostra muito ou pouco actor, reporte associado permanentemente a uma posição muito ou pouco destrutiva ou reparadora na qual a morte psíquica ou existencial do outro ocorre. Um sentimento de culpabilidade tende a elaborar uma reparação pouco ou mais forte e pouco ou mais frequente. Uma relação de violência está a ser estabelecida na qual o prazer do reparo pode emergir. Este ciclo pode-se conceber como um ponto de encontro entre a alternância de duas posições dialéticas destruição-reparação e passividade-actividade. Nesta relação passiva/activa, a proximidade do outro ou a sua aproximação cria uma fusão intrusiva. Estar próximo do outro gera o medo de ser sujeito a uma intrusão por parte do mesmo, gera o medo do ataque do outro. Associada a esta angústia de intrusão e de invasão, um sentimento de risco do abandono pode emergir. Toda a autonomia ou tentativa de autonomia do outro é percebida como abandono ou rejeição, levando o sujeito a tentar apropriar-se da parceira. Este processo, de agressividade contra o objecto, faz emergir uma culpabilidade precoce e invasiva devido ao medo de ter destruído o objecto, culpabilidade que resulta sistematicamente numa reparação. Através da passagem ao acto, não existe alteridade mas um estado de indiferenciação face ao outro. O acto violento é um sintoma da relação conflituosa distante/próxima sobre a qual o sujeito não pode desenvolver uma posição securizante para si mesmo (Gaillard, 2008).

De acordo com Broué (2002) ao tentar controlar o comportamento ou atitude do outro, o agressor procura combater o retorno de uma experiência anterior dolorosa. O outro é percebido pela pessoa violenta como um accionador do seu sofrimento actual. O recurso à violência constitui uma resposta inadequada ao sofrimento. Lidando com a eliminação do sujeito accionador, o recurso à violência visa o controlo do outro que ameaça a satisfação das necessidades do agressor e que o coloca em contacto com uma perda eventual. O domínio do outro é uma forma ilusória de assegurar a segurança, pois uma vez vinculado ao outro acentua-se o risco da perda logo que o constrangimento desaparece. Toda a diferenciação, bem como toda a

distância, confrontam o agressor com a sua vulnerabilidade, fazendo-o sentir-se com baixa auto-estima e causando o medo da rejeição e do abandono. O domínio do outro é criado por um indivíduo narcísico que paralisa a sua parceira colocando-a na posição de incerteza e submissão. Isto evita o envolvimento numa relação de casal que o assusta. Por este processo ele mantém a distância, dentro dos limites que não lhe parecem perigosos. Se ele não for invadido pela parceira, faz sofrer para que não sofra ele mesmo, mantendo-a à sua disposição (Dutton, 1996, cit. por Broué, 2002). Ele nunca vai admitir que necessita desesperadamente da sua parceira para se definir, que está ligado a ela e que está aterrorizado pela perspectiva da solidão. Neste processo de “dependência mascarada”, a violência visa manter a mulher no seu lugar enquanto permite ao homem negar a sua dependência e manter a ilusão do seu desprendimento (Dutton, 1996, cit. por Broué, 2002). A repetição dos actos violentos provoca um desgaste dos limites e cultiva em cada um dos parceiros a confusão sobre o impacto da violência e da responsabilidade individual. A vítima adota o racional do agressor e considera-se responsável pelos actos violentos do mesmo. O domínio leva à destruição da auto-estima da vítima, e se este for alcançado, ela remete-se ao julgamento do agressor na definição das suas necessidades. Sem o apoio de um terceiro que valide as suas percepções, a vítima não pode pensar em fugir do seu agressor. O sentimento de impotência e de dependência face ao dominador é tal que a vítima é convencida de que o agressor a pode proteger da agressão e que a sua felicidade e sobrevivência dependem da satisfação das necessidades do agressor. O recurso à violência aparece como uma necessidade em manter o equilíbrio do poder entre todos.

As interacções violentas testemunham relatos de dependência e de domínio. O que marca a adição à presença do outro é a angústia da alteridade juntamente com o medo de que essa diferença desapareça (McDougall, 1997, cit. por Broué, 2002). Benjamin (1988, cit. por Cheselka, 1991) acredita que a dominação emerge como um motivo central quando as pessoas não aceitam a sua dependência por alguém que não conseguem controlar. A necessidade de escravizar o outro é uma solução para esta experiência de fraqueza e impotência. Para Cheselka (1991) a dominação e a submissão são dois lados da mesma moeda e apresentam diferentes estratégias para lidar com a experiência de pouco reconhecimento e com o medo do abandono. Pessoas que se submetem fundem-se com o outro poderoso na fantasia de uma onnipotência conjunta.

O medo da perda ou do abandono faz nascer a raiva e a preocupação de contrariar a antecipação da perda e da separação. A violência é usada com o fim de manter o controlo sobre a parceira e de limitar o impacto das perdas reais ou imaginárias. Toda a tentativa de diferenciação por parte desta é percebida como uma rejeição e um ataque narcísico (Cirillo & Diblasio, 1989, cit. por Broué, 2002).

Hockenberry (1995) afirma que as relações são procuradas com um objecto que é tanto necessitado e desejado, sendo a destruição do mesmo igualmente desejada e necessitada (Kernberg, 1995). Estes objectos são idealizados como “todos-bons”, por satisfazerem as necessidades, e odiados como “todos-maus”, pelo seu poder de frustrar e privar. Os objectos podem ser idealizados e amados desde que o domínio e o controlo das suas respostas possam ser assegurados. Contudo, uma falha do objecto em se submeter às expectativas do sujeito activa o ódio latente e a necessidade de reafirmar o sentimento de onnipotência e auto-estima através da agressão, humilhação e controlo. Em casos mais extremos, as tendências sádicas podem existir, nas quais o prazer é inconscientemente derivado da humilhação física ou psicológica, dor e sofrimento causados. De facto, as relações são muitas vezes sustentadas primeiramente pelo objectivo inconsciente de satisfazer necessidades sádicas e agressivas através da desvalorização e controlo do objecto. Existe a motivação de destruir a realidade e os aspectos potencialmente gratificantes da relação devido ao medo de perder o controlo do objecto (Kernberg, 1990, 1993, cit. por Hockenberry, 1995). A segurança e conforto só são possíveis nas relações quando uma ilusão de autonomia e controlo onnipotente é mantido. Quando a grandiosidade e onnipotência são desafiadas, reacções de vergonha e de raiva são prováveis de ocorrer. As relações são vistas como pretas, ou brancas, na qual a pessoa mantém dominação rígida ou é reduzida ao papel de vítima fraca e desamparada. A pessoa procura outros objectos nos quais o seu *self* maltratado possa ser projectado e atacado, depreciado e humilhado. Ao ocorrer esta projecção, a pessoa identifica-se com os objectos persecutórios internalizados (Hockenberry, 1995). A parceira torna-se o alvo das tentativas narcísicas e grandiosas de triunfo sobre a vergonha interna através da vingança e vitimização. Deste modo, o agressor não consegue viver sem a vítima. Esta representa para ele o seu *self* vergonhoso repudiado e projectado. A percepção do parceiro tende a flutuar entre as projecções todas-boas de um objecto idealizado e cuidador e as projecções todas-más de vergonha, vulnerabilidade, e desprezo. Não só são projectadas as partes do *self* inaceitáveis ou vergonhosas no parceiro, como o sujeito também se identifica projectivamente ou age para induzir o parceiro a comportar-se de forma que “prove” que as projecções são verdadeiras. Isto tem uma natureza destrutiva que é cíclica e auto-perpetuada (Hockenberry, 1995). Esforços para reforçar a auto-estima podem ser realizados ao projectar a vergonha escondida na parceira, que é posteriormente vista como fraca e incompetente. Para facilitar esta projecção, o sujeito comporta-se de forma controladora, crítica ou condescendente para evocar o comportamento da sua parceira que confirme ou justifique um padrão relacional que é tanto auto-destrutivo e auto-derrotista. Quando ameaçado num conflito, o medo de este ser envergonhado ou exposto como fraco ou inadequado pode ser projectado na parceira, agora percebida como alguém que está lá para envergonhá-lo ou castrá-lo. Esta projecção justifica o uso da agressão e culpa sobre a

vítima. Factores como a vergonha, grandiosidade, onipotência, ódio e controlo parecem desempenhar papéis críticos em muitas dinâmicas patológicas e destrutivas que ocorrem em relações violentas. A identificação com esses aspectos do parceiro, que são ego-distónicos dentro do próprio, é central para a atracção interpessoal e a perpetuação do ciclo de violência observados nas relações destrutivas (Hockenberry, 1995).

Muitas relações abusivas são constituídas por um comportamento perverso por parte do agressor, o qual mantém a vítima sobre domínio e controlo como uma defesa contra a desintegração do *self* e possível abandono. Filippini (2005) afirma que a perversão narcísica consiste em transformar as relações de objecto em relações de poder ao não reconhecer os direitos da outra pessoa, usando-a à sua própria vontade, corrompendo a relação a fim de controlá-la. O que caracteriza a perversão narcísica é a mobilização de uma das partes para imobilizar a outra. Não existe inversão de papéis num relacionamento perverso. O perverso é o único que pode exercer o seu poder na relação e experienciar prazer nisso. A perversão narcísica expressa-se por um assédio continuado, onde o agressor continuamente, e sobretudo em alturas de crise, ataca os pontos fracos da vítima, que se enfraquece narcisicamente, algo que a pode levar à depressão ou suicídio (Martins, 2009).

Existem relações perversas que se originam da estrutura da personalidade narcísica e que, mesmo que não alcancem a violência física, ainda assim destroem a vítima através do uso sistemático da violência psicológica. O perverso nunca questiona o seu comportamento, pois não pode experienciar o conflito dentro de si mesmo, tendo que expulsá-lo para outra pessoa. O perverso faz a outra pessoa sofrer ao “destruí-la”, e ao criar uma atmosfera de stress e medo à sua volta.

Filippini (2005) refere que o perverso não consegue actuar por si próprio, necessitando da outra pessoa, alguém que possa usar para os seus propósitos, explorar e destruir. A perversão é uma patologia relacional que só pode ser observada na relação com outra pessoa, sendo essa pessoa manipulada e subjugada. O perverso é dependente da sua vítima e procura, no poder exercido sobre ela, uma forma de sustentar e preencher o seu narcisismo (Martins, 2009). O agressor sente que tem de lutar pela sobrevivência psíquica devido à dificuldade de separação de um objecto primário vivido como intrusivo. O agressor quer separar-se desse objecto que lhe fez mal, mas tem medo de não sobreviver caso essa separação se efectue. O sujeito odeia o objecto primário pelo facto de este ter falhado, mas ao mesmo tempo necessita do objecto. Sem a vítima, que agora representa o objecto primário, o agressor sente que não sobrevive.

Envolver-se emocionalmente numa relação é experienciado como uma ameaça à integridade do *self*. O sujeito teme o risco da dependência que pode aniquilar a pretensão de auto-suficiência. A solução imediata é a externalização do conflito, a projecção no parceiro do papel de vítima, da sua própria identificação com uma figura parental violenta e do triunfo maníaco que se segue.

Estes homens não são desprovidos completamente de empatia, pois apresentam alguma empatia com a parte deles mesmos que é projectada na mulher. Parte essa que pode perceber quando estes conseguem fazê-la sofrer. Após estes episódios a tensão diminui e o homem sente tranquilidade. A calma reflecte o sucesso da destruição da independência psíquica da mulher. A mulher é um mero veículo do processo projectivo patológico do parceiro. Martins (2009) afirma que o perverso narcísico fortalece o seu ego através da desvalorização do outro, ao projectar no exterior o que sente como mau em si. Este processo de projecção e identificação projectiva acaba por ser uma tentativa do perverso se libertar de conteúdos psíquicos perturbadores e de aspectos que não reconhece em si, projectando-os no objecto e procurando ter controlo nos mesmos através do controlo do objecto.

Coen (1992, cit. por Filippini, 2005) descreve as perversões como formas de dependência psicológica, como organizações defensivas estáveis que são resistentes à mudança. Este refere que nestas relações a outra pessoa é “desumanizada” e degradada a uma parte-objecto, um receptáculo da identificação projectiva do sujeito, da sua manipulação onipotente e exploração. O objectivo do perverso é controlar a outra pessoa, negar a sua autonomia e separação.

Numa relação com um narcísico perverso o objecto pode não estar consciente do uso a que está a ser exposto. Através de pequenos actos, a violência acaba por passar despercebida, levando a vítima algum tempo para perceber a verdadeira relação em que está envolvida (Martins, 2009).

Pode inicialmente encontrar prazer em partilhar a excitação grandiosa do parceiro. Mas, quando a relação se torna perversa, o mau-trato surge, e o objecto toma o estatuto de vítima. A mulher aos poucos e poucos começa a perceber que algo não está bem, apesar de ser difícil, para ela, permanecer lúcida. Primeiro a mulher reage com confusão e desorientação. Para o agressor evitar que a vítima pense objectivamente, este abusa-a para provocar tempestades emocionais sucessivas que retardam e bloqueiam os seus pensamentos (Cautaearts, 2010). Incapaz de compreender o que está a acontecer, a vítima tende a atribuir a ela mesma a responsabilidade e culpa pelo mal funcionamento da relação. Pensa que se fosse uma melhor pessoa as coisas poderiam melhorar, tentando modificar o seu comportamento. As críticas e desvalorização por parte do parceiro continuam, enquanto este continua a fazer com que a parceira pense que está mal, não esclarecendo o que ela poderia fazer para melhorar (Filippini, 2005). O perverso nunca critica a tarefa imposta à vítima, mas sim a vítima em si (Cautaearts, 2010).

Martins (2009) afirma que a violência exercida pelo perverso narcísico é negada e denegada por este, que subtilmente inverte a relação acusando a vítima de ser a culpada. A vítima acaba por atribuir o abuso a si mesma pelo facto de sentir que é culpada de algo, pensando que se o seu companheiro a maltrata é porque ela tem culpa na situação. À medida que o comportamento do

companheiro se torna mais irracional e incompreensível, absorvendo as energias da mulher, esta isola-se, torna-se mais vinculada e é impedida de se misturar com outras pessoas devido à possessividade do parceiro e devido à sua atitude controladora.

Na relação perversa o terceiro não pode existir, porque o agressor quer uma fusão com a vítima (Cautaerts, 2010). Ao se submeter, ao aceitar as chantagens, e ao ficar com medo, esta aceita não falar da violência com ninguém. Acabando por proteger o companheiro que a maltrata e permitindo que este continue com a sua fachada de normalidade. A relação é, assim, fortificada de uma forma perversa. A mulher torna-se mais indispensável à companhia do parceiro, que está cada vez menos disposto a deixá-la ir embora. O que liga a mulher à relação são sobretudo os resultados da acção perversa, a forma na qual o perverso enfraquece a vítima, prejudicando os seus recursos e capacidades. Estes efeitos são verdadeiramente específicos e são a marca na qual a perversão queima a existência da vítima, podendo-se dizer que a perversão penetra e corrói a sua personalidade (Filippini, 2005).

Cautaerts (2010) refere que o perverso narcísico nega a alteridade, ao negar o direito do outro ser ele mesmo, de ter desejos próprios. A fim de assegurar uma imagem grandiosa de si mesmo e de socorrer o narcisismo permanentemente ameaçado, o perverso procura vítimas para humilhar e destruir. É mais fácil provar a sua onipotência através da destruição do que através da criação. A vítima deve-se adaptar aos seus desejos, redefinidos como direitos, sendo os desejos da vítima redefinidos como doença. Contudo, por baixo da sua aparente onipotência o perverso continua frágil porque precisa da vítima para a humilhar e destruir, a fim de se vingar e afirmar a sua própria grandiosidade. Eiguer (2001, cit. por Martins, 2009) afirma que o perverso narcísico existe através da vítima, destruindo as suas dificuldades ao projectá-las nela e controlando-as ou destruindo-as, acusando a vítima daquilo que ele sente a respeito de si mesmo e vivendo ao mesmo tempo da vitalidade desta. Contudo, nem as dificuldades do agressor têm um fim ou se modificam, nem a vitalidade do outro passa a ser dele. Verifica-se que a operação não é eficaz, necessitando de ser mantida, tornando-se as agressões infundáveis.

Os ataques mais agressivos ocorrem quando o agressor se sente acusado, perde o domínio do outro, contestando o seu poder, e vê ameaçada a conservação da situação actual que o favorece. O ataque é uma defesa contra a possibilidade de a vítima se revoltar contra ele, contra o seu controlo e manipulação e contra a situação de domínio na qual o agressor se sente seguro. O agressor tem uma necessidade continuada de manter o outro na condição de submissão. Ao não haver uma potencialização real do agressor, este não se torna independente da sua vítima e necessita dela para se apoiar, acusando-a de ser responsável pelo seu fracasso. O agressor agride devido à projecção de sentimentos defensivos e medos primários sobre as acções dos outros.

Para o agressor o que é consciente são as suas manobras, mas não as reconhece para si como uma manipulação e justifica-as pelo desprezo que constrói pela vítima, por uma raiva dela, de quem no entanto gosta, e admira, embora também inveje. A sua agressão encontra justificação em acontecimentos pontuais em que a vítima o contrariou ou agrediu, muitas das vezes por reacção provocada pelo próprio agressor. O agressor só pensa nos seus benefícios e não sente prazer no sofrimento causado, embora os seus fins dependam do sofrimento infligido, necessário para a manipulação e domínio. Aos olhos do agressor, a vítima merece a agressão, a partir do desprezo que ele sente por ela, e mesmo da raiva que surge da inveja pela vítima ou dos momentos em que esta tenta escapar ao seu controlo. Esta defesa está tão enraizada e estruturada que o agressor convence-se dos seus motivos, ignorando a forma como manipulou as reacções da vítima, e acreditando no quanto estas reacções, que ele próprio provocou, são inaceitáveis e acreditando que a vítima lhe fez profundamente mal. Estas reacções fazem-lhe mal porque remetem para agressões sofridas na sua infância e porque perante a agressividade reactiva da vítima ele confirma que esta não está de acordo com o seu ideal. As boas intenções do outro em suportar adversidades e repará-las, a disposição do outro em entender e superar as dificuldades da relação transformam-se, aos olhos do agressor, numa mentira, pela qual o outro deve ser responsabilizado. Para o agressor, a não correspondência à idealização do que ele julga ter precisado e não teve, e que julga precisar ainda, é interpretada inconscientemente como falhas insuportáveis do outro, pois estas remetem para as falhas ambientais arcaicas que ele sofrera. A generosidade do outro é sentida pelo agressor como uma mentira, como uma agressão, à qual ele deve responder. Se o agressor não confia no outro, acredita que só pode sobreviver dominando-o e manipulando-o. A falha sentida pelo agressor é sentida como um défice que ele tem de ocultar de todos, para ele próprio conseguir esquecê-la. Precisa continuamente de se apoiar numa vítima cujo narcisismo lhe serve para preencher a falta do seu próprio (Martins, 2009).

O perverso quer ficar sozinho face a um espelho que reflecte a sua grandiosidade. Mas para a sua vítima ele é um espelho opaco que deforma a imagem que ela tem da sua identidade e que quebra a sua auto-estima (Cautaerts, 2010). Na perversão narcísica o agressor idealiza-se a si mesmo e desvaloriza a sua vítima. Exerce o seu poder sobre ela com o fim de a humilhar e triunfar. A humilhação priva-a da sua condição de sujeito. A clivagem interna do *self* do perverso narcísico separa a parte grandiosa, que tem todos os direitos, da parte sofrida, clivada e desconhecida. Esta parte é projectada sobre a vítima. As negações fazem as vítimas agir na esperança de virem a ser reconhecidas, o que resulta no encerramento da clivagem. O perverso injecta, o que ele não reconhece ou não contém, na vítima que posteriormente controla para que continue a servir de depósito.

Na relação perversa, existe um sujeito que exerce o controlo e um objecto, que se submete, renuncia a sua identidade e contém tudo o que o outro não contém, como o luto, a separação, as emoções, a raiva (Cauterets, 2010). Martins (2009) afirma que nesta relação existe uma recusa dos desejos e necessidades do outro, em proveito das necessidades psíquicas do próprio. O agressor pensa que o outro merece os seus ataques, necessitando de estar sob o controlo e domínio, pois sente o outro como ameaçador. O que o agressor não permite que venha à sua consciência é que esta ameaça é uma construção sua, uma manipulação inconsciente que visa apoiar-se no narcisismo do outro. O perverso narcísico serve-se do outro para os seus fins e preocupa-se em fazer com que o outro se sinta culpado, como forma de fazer com que a vítima não o odeie por manipulá-la e usá-la, e não consiga tornar-se independente. O perverso narcísico acredita que para sobreviver necessita usar o outro, negá-lo, desrespeitá-lo, e que caso não o fizesse o outro não aceitaria submeter-se ao seu domínio.

O sentimento de baixa auto-estima é algo que o perverso procura agravar no outro para conseguir dominá-lo. O agressor sente que o seu ego é frágil e não vê como modificar a situação continuando a querer manter a todo o preço e às custas do outro o contorno do seu ego, a fim de não se confrontar com as falhas de integração do *self*. Sente que as falhas podem ser percebidas pelo outro, devendo manter-se atento e atacar se for necessário. As suas agressões não são consideradas como algo contra o outro, mas sim como uma defesa contra os ataques que o outro lhe faz. Ele precisa de sentir o outro como ameaçador para legitimar a sua necessidade de apoiar-se nele.

O agressor encontra como cúmplices vítimas que tal como ele sentem dentro de si uma parte má, vendo na submissão ao agressor uma possibilidade de sustentação egóica, tomando a relação contornos sadomasoquistas. O sofrimento infligido pelo agressor é sentido pela vítima como narcisicamente engrandecedor. A agressão mobiliza as forças da vítima desafiando-a a confirmá-las naquele embate, face à dificuldade de lidar com a situação e de transformá-la, alimenta um desejo de transformar o outro. A vítima torna-se vítima por julgar-se capaz de superar o sofrimento advindo da agressão e obter no final a grande recompensa da sua capacidade de resiliência, persistência e habilidade sobre o outro. Recompensa essa que é o amor do agressor. A recompensa pode ser também o reconhecimento, por parte do agressor, do amor que ele na verdade sente pela vítima, mas que ainda não sabe, ou não consegue expressar devido às suas dificuldades afectivas e relacionais. O jogo do agressor consiste em dar a entender que ama a vítima mas de forma não declarada, ou seja, não enuncia o amor mas fá-lo ao longo da relação de forma ambígua, ambivalente. E em alternar entre seduzir a vítima, e nos momentos de crise agredi-la com palavras que atacam os seus pontos fracos. A vítima é convidada a participar no jogo relacional, mas, para seu infortúnio é declarada incapaz de ser uma parceira válida, a menos

que consiga responder a todas as exigências do perverso. O perverso não se pode declarar satisfeito porque se não a vítima iria ter um valor (Cautaeerts, 2010). As vítimas obedecem ao agressor para dar prazer ao mesmo e por medo (Hirigoyen, 2002, cit. por Martins, 2009). A submissão é aceite como necessidade de reconhecimento e é preferível ao abandono. A vítima pensa que se se mostrar mais afectuosa que o agressor pode apreciá-la e amá-la. Acaba por ser uma procura sem fim, pois o agressor nunca está satisfeito. A vítima fica paralisada pela recusa em ver que é rejeitada ou para evitar o constrangimento e o desgaste de um conflito, pois esta sabe que qualquer contrariedade fará com que o agressor expluda. O agressor consegue manter o outro numa tensão que equivale a um estado de stress permanente.

No casal, um deseja dar amor ao ponto de procurar aquele que demasiadamente não o teve, enquanto que este cobra um amor que não existe, permanecendo insatisfeito. Em vez de reconhecer o amor do outro, sente necessidade em desmerecê-lo. Quanto mais um se dedica ao outro, mais o outro despreza esta devoção. Trata de manter a relação manipulando-a através do assédio, aceite pela vítima, na intenção deste ter fim, de superá-lo, de vencer as dificuldades da relação e fazer-se amar. Enquanto um esquece todas as agressões recebidas, considerando-as aceitáveis, o outro aumenta as reacções agressivas daquele, considerando-as inaceitáveis e não as esquecendo, de forma a poder lançar-lhes a mão aquando as suas acusações. É o facto de as acusações feitas não corresponderem à realidade que faz com que a vítima tente desconsiderá-las, embora elas a afectem, porque pensa que se não correspondem à realidade não a deviam afectar, e que o agressor um dia vai reconhecer que não são verdadeiras, mudando a sua atitude. Exceptuando as agressões, o agressor é sedutor e o convívio entre ambos é bom (Martins, 2009). Para o agressor, esta tolerância revela a força da vítima, força essa que é para ele inaceitável, causadora da sua raiva e reveladora da sua fraqueza que deve ser menosprezada, justificando a mesma a posterior agressão. Quanto mais o agressor se torna mau, mais a vítima se torna dependente do mesmo, mais atenciosa, mais cede, mais se restringe e mais tenta evitar o mau humor, a censura, ou a contrariedade do agressor (Martins, 2009).

Verifica-se que tanto a vítima como o agressor recriam um cenário de violência, no qual o agressor tende sem fim a vingar-se e a vítima a redimir-se. Existe uma ligação “patológica” entre ambos, tendo estes sofrido traumas na infância que elucidam a sua posição de adulto. Cada um encontra o outro, e ambos, através de vários mecanismos, recriam o seu mundo interno na relação estabelecida, acabando por ficar presos numa relação abusiva na qual a saída é difícil. A dependência de cada um torna a quebra do vínculo uma tarefa complexa e insuportável, pois ambos se complementam e necessitam um do outro para a sua sobrevivência psíquica.

2.6 - Formulação do problema

Após a revisão de literatura verifica-se que existe uma internalização das relações às quais a criança está exposta, sendo estas o que constitui as suas relações de objecto internas. As relações de objecto internalizadas influenciam e são influenciadas pelas experiências no mundo real com os outros significativos. Desta forma, a dinâmica do mundo interno influencia a forma como o sujeito vive a realidade externa, sendo que a experiência da realidade externa também influencia a dinâmica interna. As representações do *self*, dos outros e das relações adultas são estabelecidas com base nas introjecções das relações primárias. Através da introjecção das relações primárias formam-se “modelos” psicológicos duradouros para todas as futuras relações. Sendo as relações adultas formadas com base nestes modelos estabelecidos. As relações de objecto internas e os conflitos intrapsíquicos são defendidos contra, repetidos, vivenciados, ou dominados nas relações interpessoais íntimas. As repetições das relações negativas são a consequência da internalização dos objectos negativos e das suas relações (Morehead, 2002). Deste modo, a violência doméstica pode-se iniciar devido a relações de objecto interno patológicas existentes em ambos os parceiros (Coogan and Porcerelli 1996, cit. por Crabtree, 2008).

Existe uma dinâmica relacional própria entre a vítima e o agressor que é influenciada pela dinâmica existente no mundo interno do sujeito. Esta dinâmica interna é criada pela introjecção das relações observadas e experienciadas pelo sujeito. Se existe uma internalização das relações observadas e se as representações das relações adultas são estabelecidas com base nestas introjecções, o problema que se coloca é como é que os pré-adolescentes expostos a violência doméstica representam a dinâmica relacional do casal.

Tendo em conta a problemática em estudo, coloca-se como hipótese que a representação da dinâmica relacional do casal irá ser idêntica à vivenciada e observada pelos pré-adolescentes expostos a violência doméstica, ou seja, prevê-se que estes representem a dinâmica relacional vítima/agressor à qual estão expostos.

3. MÉTODO

Delineamento

O presente estudo é um estudo qualitativo, exploratório que visa compreender um fenómeno dentro de um grupo de indivíduos expostos à mesma problemática, sem manipulação de variáveis nem de comportamentos.

Participantes

Neste estudo acedeu-se a 4 pré-adolescentes, de 13 anos, do género masculino e expostos a violência doméstica. Todos os participantes apresentavam Processo de Promoção e Protecção na Comissão de Protecção de Crianças e Jovens de Lisboa Norte (CPCJ). O critério de inclusão para a participação no estudo foi o facto de os sujeitos terem 13 anos de idade e estarem expostos a violência doméstica.

Procedimento

A recolha da amostra foi efectuada na CPCJ de Lisboa Norte. Os pais dos pré-adolescentes foram contactados através de telefone. Os pais foram informados da realização do estudo, tendo sido questionada a sua disponibilidade para comparecerem em sede de comissão, juntamente com o pré-adolescente, para se comunicar o objectivo do estudo e a sua pertinência, o que iria ser efectuado e para ser assinada a carta do consentimento informado (ver anexo I). É importante referir que na carta de consentimento informado foi omitido o tema real do trabalho tendo sido colocado que a temática em estudo se relacionava com a representação do feminino e do masculino. Foi decidido omitir o verdadeiro tema por questões práticas, nomeadamente o facto de se fosse revelado que o estudo seria sobre violência doméstica muitos dos pais poderiam negar a participação dos menores e também poderiam colocar como hipótese que os resultados iriam ser usados para a análise dos processos de promoção e protecção que tinham na CPCJ, ficando o próprio processo na comissão prejudicado. Após a deslocação dos pais à CPCJ e após o consentimento dos mesmos e do jovem para a participação no estudo, foi pedido a que o jovem se deslocasse para a sala onde iria ser efectuada a prova. A prova foi realizada numa sala cedida pela comissão, isoladamente para que não surgissem interferências externas que afectassem as respostas. Após se questionar o pré-adolescente se estava interessado em participar e explicar o direito de recusar a participação, foi aplicada a prova. No fim de cada aplicação os participantes foram questionados sobre se já lhes tinha sido aplicada a prova. A todos os participantes e respectivos pais foi dado um agradecimento final pela colaboração e participação no estudo. Em nenhum local do trabalho foi revelada a identidade dos sujeitos.

Instrumentos

Para a realização deste estudo, foi utilizado o teste projectivo *Thematic Apperception Test* (TAT) criado em 1935 por Henry A. Murray e Christiana D. Morgan na Universidade de Harvard (Shentoub et. al., 1999). O TAT permite a avaliação de diversos aspectos da personalidade (impulsos, emoções, sentimentos, conflitos), aspectos ou tendências inibidas e subjacentes no sujeito que o próprio não admite nem reconhece porque não está consciente dos mesmos. Através do TAT acede-se, também, às relações de objecto e defesas. A prova é constituída por trinta e uma imagens que podem ser divididas em imagens destinadas aos adultos do género masculino e feminino, bem como aos rapazes e raparigas com idades superiores a 10 anos. As imagens são constituídas por personagens com idades e géneros diferentes, em situações que podem ser interpretadas de diversas maneiras. Outros cartões são constituídos por imagens de paisagens pouco estruturadas. Na prova pede-se ao sujeito para imaginar uma história com base na imagem do cartão apresentado (Shentoub et. al., 1999). As histórias que o sujeito conta a partir dos cartões revelam componentes significativas da sua personalidade porque as pessoas tendem a interpretar uma situação humana ambígua conforme as suas experiências passadas e seus desejos actuais, e também porque quando se descrevem histórias tende-se a recorrer a experiências e introduzir nas mesmas sentimentos e necessidades, conscientes ou inconscientes (Murray, 1943).

Foram apresentados todos os cartões que normalmente constituem a prova do TAT (tendo em conta o género e a idade da amostra), mas para a problemática proposta neste estudo, foram seleccionados os seguintes cartões para se fazer a respectiva análise: cartão 4, cartão 8BM, Cartão 13 MF, cartão 10.

O **cartão 4** apresenta como material manifesto um casal, uma mulher ao pé de um homem que se afasta. A diferença de géneros é representada, mas não há diferença de gerações. O cartão remete para o conflito pulsional no seio de uma relação heterossexual. Cada uma das personagens pode ser portadora de movimentos pulsionais diferentes, agressividade e/ou libido. Pode haver uma instabilidade nas identificações, ocorrendo tomadas de posições alternativas masculinas ou femininas. Por vezes o homem é visto como potente e forte e a mulher como frágil e dependente, e noutros casos a mulher percebida como dominadora, castradora que se confronta com um homem fraco e submisso. A presença de uma terceira personagem pode acentuar o impacto edípiano da fantasmática (Shentoub et. al., 1999).

O **cartão 8 BM** tem como material manifesto num primeiro plano, um rapaz adolescente, com uma espingarda ao lado. O mesmo está voltado de costas para a cena do segundo plano. O segundo plano apresenta um homem estendido e dois outros inclinados sobre ele, agarrando um

objecto cortante. O cartão reactiva representações susceptíveis de serem relacionadas com a angústia de castração e/ou agressividade para com a imagem paterna. A escolha pode ser entre uma posição activa ou uma posição passiva, figurada pela posição do homem estendido. O desejo parricida pode referir-se a um fantasma maciço, sendo a agressividade mobilizada em grandes quantidades, através de representações de relações sadomasoquistas, ou ainda cenas que remetem para a morte e destruição. As ligações são rompidas e as representações maciças e cruas. O manuseamento da agressividade deixa de ser negociável e inscreve-se num sistema de funcionamento pré-genital, onde dominam representações e afectos maciços (Shentoub et. al., 1999).

O **Cartão 10** apresenta um casal, onde são só visíveis os rostos. Não existe diferenças de gerações, mas a imagem é pouco clara no que concerne ao género das personagens. Este reenvia para a expressão libidinal num casal e evoca uma proximidade de tipo libidinal. O material é ambíguo, sendo possível existirem diferentes interpretações quanto ao sexo das personagens, o que determina a identificação do sujeito a um casal heterossexual ou homossexual. A problemática pode remeter para uma aproximação libidinal no seio de uma relação heterossexual. A ligação entre a ternura e a sexualidade sublinha a elaboração e o declínio do conflito edipiano. O conflito pode aparecer na evocação da curiosidade sexual, cenários sustentados por fantasmas da cena primitiva ou ligados às relações do casal parental. Podem-se observar, assim, evocações que mostram a defesa contra a erotização desta aproximação. Quando o conflito edipiano não é estruturante, observa-se a reactivação de fantasmas incestuosos, que se traduzem pela evocação da aproximação entre progenitor e filho. No contexto onde a problemática narcísica domina, a diferença de sexos não é tida em conta e dá-se o lugar a relações especulares. Pode-se também encontrar uma relação de suporte que evacua para a dimensão sexual da proximidade e na qual o outro é investido como apoio indispensável (Shentoub et. al., 1999).

O **cartão 13 MF** representa no primeiro plano um homem de pé com o braço no rosto. No segundo plano encontra-se uma mulher deitada, com o seio destapado. O cartão remete para a expressão da sexualidade e agressividade num casal. A integração das moções pulsionais, agressivas e libidinais, no seio de uma história dramática permite o desenvolvimento de um cenário onde aparece a sexualidade, na evocação da ligação do casal, e a agressividade, na evocação de um crime passionai. São esperadas grandes quantidades de energia pulsional. O material pode suscitar uma reactivação pulsional e fantasmática, que determina movimentos de inibição maciços e histórias restritas. Noutros casos, só a agressividade é desenvolvida, ou só os aspectos sexuais da relação são privilegiados (Shentoub et. al., 1999).

4. RESULTADOS OBTIDOS

Após a recolha da amostra, na CPCJ de Lisboa Norte, foi efectuada a análise cartão a cartão relativamente a cada sujeito. Foram identificados os procedimentos correspondentes a cada cartão (ver anexo II), tendo sido posteriormente efectuada uma síntese de toda a informação recolhida, para uma melhor compreensão da problemática aqui proposta.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

Para o sujeito 1

No cartão 4, o indivíduo faz referência a um terceiro elemento, do género masculino, como um mau objecto, que dá origem a uma ferida narcísica (“o senhor ofendeu-se”) e à consequente erupção da agressividade. Deste modo, ocorre um deslocamento do conflito para o exterior. Após a ferida narcísica provocar a resposta agressiva, ocorre a reparação e contenção por parte da figura feminina. O homem é percebido como potente e forte e a mulher como objecto de apoio, de contenção e reparação. Dá-se o anonimato das personagens.

Por fim, ocorre a banalização como forma de defesa contra o possível conflito dentro da relação de casal, visto que a terceira personagem deixou de estar presente para o conflito ser deslocado para a mesma. O facto de o casal ter ido “dormir” leva a que este esteja numa posição passiva onde o conflito e agressividade não podem emergir.

No cartão 8 BM existe uma tentativa de recusa, embora sem sucesso. Como forma de defesa contra a agressividade que este cartão evoca, o indivíduo recorre à clivagem, separando os dois planos da imagem, ao referir a existência de “duas famílias”. Assim, tenta distanciar-se da agressividade ao dispersá-la por várias personagens, ao não se colocar em nenhuma posição fixa e ao não se identificar com uma só personagem. Contudo, a defesa da clivagem é mal sucedida, surgindo uma desorganização total, pois à medida que o discurso decorre vai começando a surgir confusão de identidades, tornando-se difícil de perceber quem é quem e quem faz o quê. Dá-se a confusão entre os bons e maus objectos.

Existe novamente, o anonimato das personagens.

A caçadeira quando evocada é seguida de pausa no discurso como forma de defesa, pois esta está carregada de angústia e agressividade. Apesar da pausa no discurso, o que se segue são movimentos agressivos que originam uma cena de morte dada com pouco afecto. O indivíduo toma momentaneamente uma posição activa, apesar de se tentar defender da mesma ao dispersar

a agressividade pelas diferentes personagens, o que indica uma tendência para a oscilação entre as posições activa/passiva.

A última forma encontrada para lidar com a agressividade é através da “fuga” relatada na história.

No cartão 10, verifica-se uma confusão nas identificações, existindo um movimento entre o assumir uma posição de adulto e o assumir uma posição de criança. Surge também uma confusão de identidades que se verifica quando o indivíduo refere uma das personagens como filho e ao mesmo tempo como marido. Existe a confusão entre o ser o marido e ser o filho. Verifica-se uma erotização da relação “filme romântico”, seguida de uma defesa “a mulher acordou porque adormeceu a meio do filme”. Se a mulher adormece não satisfaz o desejo, sendo esta tomada de posição uma defesa contra a satisfação. Pode-se afirmar que o conflito edipiano não é estruturante, pois a história do sujeito está carregada de fantasmas incestuosos, onde ocorre a erotização da relação entre mãe e filho e a defesa contra a satisfação dos desejos do sujeito. Não existe a simples identificação com a figura paterna, mas sim o desejo da tomada do lugar da mesma. Aparecendo o desejo primitivo de ter em vez de um desejo mais maduro de ser. Apesar de a história ser erotizada, devido ao facto de a mulher ser vista como uma parceira com quem se vê um filme “romântico”, a mesma é infantil, pois a mulher é também vista como uma figura materna que existe para ouvir as histórias de guerra do sujeito e para o alimentar.

Por fim, no cartão 13 MF existe uma nova tentativa de recusa. Não é percebida uma relação de casal, mas sim uma relação mãe-filho, algo que pode constituir uma recusa em ver o casal e uma potencial cena agressiva ou pode constituir a percepção de uma cena incestuosa. A figura feminina é vista como doente, pois causa transtorno no indivíduo. Ocorre uma nova erotização da relação, mas desta vez não é explícita, pois está encoberta por uma formação de compromisso “apalpou-lhe as mãos”. Tal como no cartão 10, verifica-se novamente uma defesa contra o desejo do filho, pois este vai ter com a mãe com desejos, mas a mãe está “fria, gelada”, ou seja, está distante e doente, não tem desejo do filho, não havendo possibilidade de o desejo deste ser satisfeito.

Quando refere que a figura feminina “estava morta”, começa a desorganizar-se, pois segue-se uma confusão de identidades quando refere que “chamou a ambulância e foi para o hospital” não se percebendo quem tinha chamado a ambulância e quem tinha ido para o hospital, se a mãe ou o filho. Observa-se que a angústia da perda do objecto emerge. Deste modo, o indivíduo introduz uma personagem que não figura na imagem, como mediadora, como alguém que tem de dizer que a mãe morreu para que a perda seja reconhecida pelo sujeito. Verifica-se a dificuldade em

lidar com a perda do objecto. Sendo que para se defender da mesma ocorre uma retirada narcísica “foi para casam fechou-se à chave, deitou-se e foi dormir”.

Para o sujeito 2

No cartão 4, existe um forte investimento na figura feminina do cartão. Verifica-se a presença do anonimato das personagens. A história é construída em volta de temas de abandono, dependência e rivalidade por parte da figura feminina, sendo esta percebida como frágil e dependente. O facto de a mulher encontrar-se “agarrada” ao homem “porque gosta dele” remete para questões de anáclise. Apesar de o homem estar a ir embora a mulher continua agarrada a ele e sem querer que o mesmo a abandone, submetendo-se e deixando-se ser desprezada por este.

A terceira personagem do cartão é evocada, o que dá a possibilidade de se deslocar o centro do conflito para o exterior. Para além de possibilitar o deslocamento do conflito para a terceira personagem, possibilita também a colocação da culpa na mesma. Esta terceira personagem é primeiramente vista como inanimada (“imagem”) e só depois vista como uma mulher. Apesar de o motivo do conflito não ser revelado, e apesar de a terceira personagem ser evocada e não integrada, pode-se supor que é esta que origina o abandono por parte do homem.

No cartão 8 BM, o indivíduo começa por descrever a imagem, apegando-se aos pormenores como forma de luta contra a emergência da realidade interna. Apesar de descrever a imagem, o indivíduo evoca o elemento “caçadeira” mas não o integra como forma de defesa contra a agressividade que o mesmo faz emergir. Dá-se o anonimato das personagens e o isolamento das mesmas e das suas relações. Dá-se a construção de duas cenas, não havendo uma integração do primeiro plano e do segundo plano. A construção das duas cenas parece duplicar o rapaz, havendo uma instabilidade nas identificações, estando este tanto no primeiro plano com uma caçadeira (posição activa) como no segundo plano deitado e a ser cortado (posição passiva). O facto de o rapaz estar a ser cortado perto da barriga remete para a castração. O indivíduo distancia-se das personagens, como forma de defesa, ao hesitar na idade das mesmas (“não sei se é um rapaz ou se é de idade”), acabando por não tomar uma posição fixa.

No cartão 10, dá-se a expressão libidinal no casal e existe a identificação a um casal heterossexual. Dá-se uma idealização da história e da relação de casal. A relação representada é uma relação de anáclise, pois o casal está encostado um ao outro como forma de suporte um do outro. A postura é que exprime o afecto e figura a relação de dependência e de anáclise entre o casal. Apesar da existência de libido no casal, ambos os membros existem um para o outro como forma de

suporte, tendo uma relação de dependência. Estes são percebidos como fundidos, o que remete para questões narcísicas no sujeito.

No cartão 13 MF verifica-se um isolamento da relação e das personagens. A mulher acaba por ser evocada mas não integrada na história, como se a mesma não existisse. O material suscitou a reactivação pulsional e fantasmática, o que determinou movimentos de inibição e a construção de uma história restrita. Devido a esta reactivação, o indivíduo não elabora o conflito e coloca as personagens em posições passivas, pois estão com sono ou adormecidas. Isto permitiu o evitamento da percepção da relação e dinâmica entre o casal. A personagem masculina torna-se passiva de forma a que os possíveis movimentos agressivos sejam negados. O facto de colocar as personagens como estando “adormecidas” permite que a relação entre ambos não seja possível.

Para o sujeito 3

No cartão 4, a história é construída à volta de questões de abandono e rejeição. A figura feminina é percebida como dependente e a figura masculina como abandonada, rejeitante e com atitudes de desprezo para com a figura feminina. Apesar de o homem estar a ir embora e a desprezar a mulher, esta continua a tentar com que ele fique, submetendo-se e deixando-se ser desprezada por este. Verifica-se um maior investimento na figura masculina. Verifica-se a humilhação narcísica por parte do homem para com a mulher, ao ser referido que o “homem está a desprezar” a mulher. O tema da traição que é referido, e que só pode existir devido à presença de um terceiro elemento, justifica a humilhação e o desprezo por parte do homem. Verifica-se a colocação da culpa na mulher, pois se algo de mal acontece é devido a alguma falha na figura feminina e não devido a algo que a figura masculina possa ter feito. Verifica-se a presença da angústia de perda do objecto ao indivíduo evocar o tema da traição, onde um terceiro ameaça a dissolução da relação e conseqüentemente o abandono por parte de um dos membros.

No cartão 8 BM, há uma identificação com a personagem do primeiro plano, colocando-se o indivíduo numa posição activa. A história é construída à volta de temas de destruição e morte e dá-se a evocação de representações maciças relacionadas com a agressividade. A evocação do tema de morte e assassinato é dada com nenhum afecto e encenada num contexto relacional sádico. Existe o anonimato e isolamento das personagens e relação entre elas. Dá-se o isolamento do afecto da figura do primeiro plano. Não há espaço para a reparação nem a emergência de sentimentos de culpabilidade.

No cartão 10, verifica-se algo de positivo entre o casal. O homem é percebido como contendor. É referido um tema de perda, sendo a figura masculina a reparar e a conter a figura feminina. A relação entre o casal é uma relação de suporte.

No cartão 13 MF há uma tentativa de recusa do cartão. Verifica-se uma alteração brusca do discurso como defesa contra a solicitação latente do cartão. Contudo, a defesa falha pois mesmo ao se focar no elemento feminino da imagem acaba por construir uma história sustentada na expressão da agressividade. Ao imitar a figura o sujeito demonstra uma total identificação com a mesma. Não há relação com a figura feminina, a relação que existe é de uso e apropriação. Acaba por haver a desvalorização da mulher (“uma mulher qualquer”) por parte do homem, sendo esta percebida como inferior e sem necessidades. Por fim, verifica-se a presença do anonimato das personagens.

Para o sujeito 4

No cartão 4, a história é curta, o conflito não é abordado e desenvolvido. Começa por ser dado o anonimato das personagens. A terceira personagem do cartão é evocada mas não integrada na história, podendo-se supor que este elemento foi percebido como persecutório (“a observar”) e como um mau objecto que poderia interferir no casal. O indivíduo não se compromete com o cartão e com uma afirmação directa ao referir que “talvez” seja um casal. A história é banalizada como forma de negar o reconhecimento de uma relação de casal com características libidinais e/ou agressivas.

No cartão 8 BM, ocorre a separação da história em dois planos diferentes, isolando-se as personagens e não se estabelecendo relação entre as mesmas. A história inicia-se com um tema de morte e destruição. Esta separação dá-se através de uma falsa percepção (“pelo efeito parece ...um vidro”). Dá-se o anonimato das personagens. Verifica-se o escotoma da espingarda como defesa contra a agressividade induzida pelo cartão. O sujeito ao não perceber a espingarda na personagem do primeiro plano, que é a mais próxima do indivíduo devido às suas potenciais características de rapaz, fica livre da agressividade que poderia provir da mesma. Para complementar esta defesa, utiliza uma precaução verbal para referir que “talvez esteja a observar”. Assim, a agressividade é deslocada para a personagem que está a “esfaquear” a outra. Para tentar reforçar a defesa contra a agressividade proveniente do material e das personagens este refere o “vidro” para separar o cenário e distanciar-se da agressividade. Contudo, o escotoma de uma das personagens do segundo plano faz com que a defesa contra a agressividade falhe,

pois o cenário de morte torna-se uma cena com só dois intervenientes, podendo esta percepção tornar mais fácil a identificação por parte do sujeito com uma das personagens. Este pode-se identificar mais facilmente com o homem que é esfaqueado ou com o homem que esfaqueia, pois não existe um terceiro que dificulte a tomada de posição.

Posto isto, pode-se afirmar que ao longo da construção da história verificam-se várias tentativas de distanciamento e deslocamento da agressividade por parte do indivíduo, como forma de defesa contra a mesma, contudo sem sucesso.

No cartão 10, apresenta-se uma história restrita sem elaboração do conflito. Evidencia-se uma dificuldade em ver as questões libidinais numa relação de casal. Não havendo espaço para a existência da relação devido a uma preocupação central ligada ao género das personagens e uma hesitação sobre o mesmo. A outra personagem serve de suporte para o homem, sendo percebida como um objecto anaclítico independentemente do género.

No cartão 13 MF, o sujeito não refere a agressividade induzida pelo cartão. A história é restrita e com movimentos de inibição devido à possível reactivação pulsional e fantasmática. Ocorre um certo distanciamento do material, da imagem e da relação de casal. A relação entre o casal não é descrita com afecto, tendo estes simplesmente “tido relações sexuais” ou dormido “juntos como casal”, havendo uma dificuldade nas questões ligadas à libido. Parece centrar-se mais na figura feminina como forma de evitar centrar-se na figura masculina. As personagens são colocadas numa posição passiva, não sendo assim possível a emergência de movimentos agressivos, e não sendo a relação entre ambos possível, tal como se observa no sujeito 2.

5. DISCUSSÃO

Após a análise dos resultados obtidos, verifica-se a existência de algumas características comuns nos vários sujeitos em cada um dos cartões.

No cartão 4, existe a introdução de uma terceira personagem por três sujeitos. O único que não a refere evoca um tema de traição, o que nos faz supor que este pode ter percebido a terceira personagem mas não a ter integrado na história como defesa. Contudo, a defesa falha, pois mesmo não sendo evocada uma terceira personagem, surge o tema da traição que só pode ter fundamento se o terceiro elemento existir. O terceiro elemento, nas histórias relatadas, permite o deslocamento do conflito para fora do casal, serve de justificação para as atitudes da personagem masculina e permite o deslocamento da culpa para o exterior.

Pode-se pensar que este deslocamento do conflito para o exterior serve de defesa contra a ruptura da relação. Se o conflito provém do exterior, e não de dentro da relação de casal, ambos os elementos e a relação em si ficam a salvo do conflito. Caso o conflito proviesse do casal, a agressividade poderia emergir e a consequente ruptura entre os membros também. Será que devido ao facto de a ruptura poder ser algo insuportável para os sujeitos, pois a mesma implica a perda do objecto e a separação, o deslocamento do conflito para o exterior se configure como uma defesa contra esta possibilidade? Será esta a defesa encontrada pelos sujeitos face ao conteúdo latente que a imagem do cartão induz, nomeadamente no que se refere às questões da agressividade dentro da relação de casal? Não nos podemos esquecer que a terceira personagem deste cartão é um pormenor raramente evocado sendo considerado um pequeno pormenor (Dd). Isto pode fazer-nos ponderar que a terceira personagem é percebida e evocada, nos sujeitos da amostra, pois é o único elemento que permite algum tipo de “fuga” do conflito dentro do seio do casal e o seu deslocamento para o exterior, é o único elemento que permite a defesa relativa ao conteúdo mais agressivo que poderia existir dentro da relação de casal.

O terceiro elemento permite, também, que as atitudes da figura masculina tenham uma justificativa, pois as mesmas só emergem devido ao conflito, supostamente, originado através da presença desta personagem. Se existe algo que justifica as acções da figura masculina, esta fica salva da culpa e não se torna a responsável pelos seus actos. A personagem masculina fica como um bom objecto, pois o mau objecto, que se encontra no exterior, é que provoca os ataques. É uma forma de negar que o conflito e a agressividade pertencem à personagem masculina. Tornando-se, novamente, uma forma de defesa, pois se a personagem masculina fosse percebida como a responsável pela origem do conflito e se o mesmo não pudesse ser justificado por algo externo, esta ficaria como um mau objecto que não pode ser “desculpado”

pelos seus actos, nem ser desculpado pela figura feminina do cartão, podendo originar-se a separação.

O terceiro elemento, como referido anteriormente, permite a projecção da culpa. A culpa ao ser projectada salva, novamente, a figura masculina, pois não é esta a culpada pela origem do conflito, ou da separação e abandono, mas sim o terceiro elemento. A personagem masculina fica como o bom objecto, pois o mau objecto encontra-se no exterior e é ele o culpado por tudo o que possa ocorrer dentro do casal, ou que possa originar reacções agressivas por parte da personagem masculina.

Observa-se que a evocação do terceiro elemento, também, dá origem ao medo da perda do objecto, sendo percebido como uma ameaça à relação. Este medo da perda remete-nos para questões de dependência do objecto. Quando este terceiro elemento surge dá-se o abandono por parte da figura masculina, originando-se a dissolução da relação. O facto de a figura masculina estar perante a perda iminente do objecto e perante a separação faz com que este inicie um conjunto de atitudes de desprezo e movimentos de abandono para com a figura feminina como forma de ataque à mesma (“está a desprezar a mulher”, “ele ia-se embora e ela não queria”). Verifica-se que estes movimentos e atitudes por parte da figura masculina provocam comportamentos de submissão por parte da figura feminina (“está agarrada a ele porque gosta dele...não queria que ele fosse embora”...“ele ia-se embora e ela não queria”). Será que a submissão do objecto era o objectivo pretendido com estas atitudes e movimentos por parte da figura masculina após a mesma perceber a perda? Ou será que a figura feminina foi representada como submissa devido ao facto de ser dependente do objecto e de ter medo da perda do mesmo, acabando por se submeter pelo facto de isso ser preferível à perda do objecto? De uma ou outra forma o que continua patente é o medo da perda do objecto e as questões de dependência.

No geral, pode-se afirmar que o terceiro elemento é percebido como um mau objecto que ameaça o vínculo do casal e que origina conflitos. Esta percepção do mau objecto pode ser pensada como sendo originada devido à clivagem do objecto e projecções por parte dos sujeitos. O objecto não é percebido como um objecto total, mas sim como um objecto clivado. Percebe-se que os sujeitos não acedem à representação do objecto como um objecto total. Os sujeitos ao projectarem o mau objecto no exterior sentem-no como persecutório, como algo que ameaça o casal pois origina conflitos e a separação. Deste modo, os sujeitos encontram-se a utilizar defesas primitivas da posição esquizoparanóide. A questão que se levanta é a de se os sujeitos não acedem a uma representação do objecto como total, a relação de objecto pode ficar

seriamente afectada e acabar por ser modulada pelas diferentes percepções que os sujeitos possam vir a ter do objecto em certas situações. Sendo que a percepção do objecto como um mau objecto que frustra, pode provocar reacções agressivas por parte dos sujeitos, ou a percepção do objecto como um bom objecto, pode dar origem a sentimentos de culpa após o ataque agressivo, pois o dano causado pode originar a perda do objecto da qual os sujeitos se tentam defender.

Nas histórias relativas a este cartão, a figura feminina foi percebida como dependente e submissa. Já a figura masculina foi percebida como um objecto rejeitante e abandonado, com algumas atitudes de desprezo para com a figura feminina. Este tipo de dinâmica representada pelos sujeitos, entre a figura masculina e a feminina, pode remeter-nos para uma ligação de casal onde a dependência existe em ambos os elementos. Onde a figura feminina é dependente da figura masculina, submetendo-se a esta como forma de pedido de amor e onde a figura masculina através das suas atitudes e comportamentos tentar promover a dependência da figura feminina, tendo em conta que esta após o abandono e desprezo por parte da figura masculina se submete para que o abandono e separação não se realizem. Os comportamentos rejeitantes, da figura masculina, também podem remeter-nos para o facto de ocorrer uma tentativa de esta omitir a sua dependência pelo objecto.

De tudo o observado nas histórias deste cartão verifica-se que o que sobressai, na relação de casal representada, são as questões da dependência e do medo da perda do objecto.

No cartão 8 BM verifica-se uma constante defesa contra a agressividade induzida, usando os sujeitos diferentes mecanismos para lidar com esta. Contudo, as defesas não são eficazes visto as histórias estarem repletas de temas de destruição e morte, com expressões cruas e maciças. Como defesa contra a agressividade proveniente do cartão ocorre a separação da história em dois planos diferentes. Dá-se o isolamento das personagens e das relações entre estas, verificando-se igualmente o seu anonimato. Em todas as histórias a evocação da espingarda da figura do primeiro plano é seguida de pausa no discurso, ou após a sua evocação esta não é integrada na história. Também se verifica a sua escotomização. Tanto a pausa no discurso, como a não integração da espingarda e a sua escotomização dão indícios da angústia que emergiu devido à proximidade da figura de primeiro plano com os sujeitos. Com a espingarda nas mãos a personagem está carregada da agressividade da qual os sujeitos se tentam defender. Não sabendo o que fazer com esta agressividade, que identificam em si mesmos, acabam por fazer interrupções no discurso, por escotomizar a espingarda ou por não integrá-la na história. Verifica-se que os sujeitos não sabem o que fazer com a agressividade, tendo como única forma de se defender da

mesma o distanciamento e seu deslocamento para o exterior. Ocorre a projecção da agressividade para outras personagens, pois a mesma não consegue ser tolerada no sujeito. Ao projectar a agressividade, os sujeitos sentem as outras personagens como sendo agressivas e atacantes. Pode-se pensar que existe uma certa negação das condutas agressivas pelos sujeitos como forma de defesa, sendo que a projecção da agressividade no objecto faz com que os sujeitos o sintam como atacante e como o culpado pelo mal efectuado.

Observa-se que as posições dos sujeitos oscilam entre uma posição passiva e uma posição activa. Ao pensar neste duplo movimento ataque/defesa, actividade/passividade pode-se ponderar que pode ocorrer um ataque ao objecto (posição activa) seguido de retraimento (posição passiva) pelo facto de a agressividade resultar num dano do objecto e conseqüentemente na sua perda. Este duplo movimento pode ser a forma arranjada pelos sujeitos para lidar com as questões de anáclise, sendo que defensivamente estes podem agredir o objecto ou submeter-se ao mesmo, ou apresentar estas duas formas de defesa e ir oscilando entre uma e outra, agredindo e reparando o objecto após a agressão, sendo esta reparação constituída por comportamentos de submissão ao objecto pois o medo de o objecto não perdoar a agressão e o dano causado é extremo. Também se pode pensar que este duplo movimento origina-se devido ao facto de os sujeitos tentarem defender-se da agressividade, embora por vezes sem sucesso, pois tomam uma posição activa momentaneamente.

Relativamente ao cartão 10, a relação de casal representada é uma relação de anáclise. Apesar da existência de libido na relação os membros do casal existem um para o outro, estando numa relação de dependência. O outro é investido como um objecto de apoio indispensável. Pode-se supor que devido ao facto de a relação ser de dependência, a separação de ambos os membros pode tornar-se insuportável. Não são referidas características relacionadas com a personagem feminina ou masculina, sendo apenas referido que o casal está junto, apoiado um ao outro, ligado um ao outro. É assim que se configura a relação de casal para estes sujeitos, como uma relação que serve de apoio, que serve para reparar e conter, que serve para atenuar os perigos da separação, da perda e do sofrimento. Aqui não se observa a agressividade dentro do casal como se verificou no cartão 4, devido ao facto de o cartão 10 remeter para a expressão libidinal no casal. Deste modo, podemos pensar que apesar de a relação de casal poder ser representada com características agressivas, na qual a figura masculina apresenta atitudes de desprezo e de abandono e na qual a figura feminina apresenta atitudes de submissão, que a mesma é também representada com características positivas no que concerne ao facto de o casal existir um para o outro, para servirem de suporte um ao outro. Apesar desta representação tão contrastada no cartão 4 e no cartão 10, o problema que se observa, e que se torna central, é comum em ambos

os cartões. Ou seja, a relação de casal configura-se como uma relação de dependência em que o medo da perda do objecto e as angústias de abandono podem emergir, por isso é que ambos os membros se encontram ligados, e por isso é que ambos os membros apresentam uma dinâmica, como a percebida no cartão 4, que serve para defender contra a perda do objecto e contra o abandono. Ou seja, a relação apesar de ser diferentemente representada em ambos os cartões, acaba por ser uma relação de dependência onde a perda e abandono podem estar iminentes a cada momento. É procurada a fusão de ambos os parceiros como forma de luta contra a perda do objecto e contra a separação, ou configura-se uma dinâmica que tem o mesmo objectivo.

Por fim, no cartão 13 MF observa-se o anonimato das personagens. Ocorrem algumas tentativas de recusa do cartão. Estas tentativas de recusa dão indícios de que a imagem, pelas representações que induz, fez com que emergissem angústias contra as quais os sujeitos se tentaram defender. Talvez os sujeitos se tenham tentado defender contra o carácter cru da imagem, que solicita movimentos pulsionais agressivos e sexuais que podem ser percebidos como pertencendo a uma relação de casal. Também devido a esta reactivação pulsional e fantasmática, surgiram movimentos de inibição e construção de histórias restritas.

Nota-se uma tentativa dos sujeitos em se focar e centrar numa só personagem do cartão. Por exemplo, no sujeito 2 existe um evitamento da figura feminina, ocorrendo um foco na figura masculina. No sujeito 3 este tenta focar-se na figura feminina de forma a evitar a figura masculina. Já no sujeito 4 ocorre um foco na figura feminina e um evitamento da figura masculina. Podemos pensar que isto acontecesse porque se ocorresse o foco em ambas as figuras, teria de ser feita uma referência a algo relacionado com a relação de casal, ou com a relação entre um homem e uma mulher, que poderia ter um carácter cru e agressivo. Desta forma, o evitar uma das figuras e o foco só numa delas, serve de recusa e fuga ao conflito. Assim, ocorre um isolamento da relação e das personagens e um distanciamento do material como defesa.

Relativamente a este cartão, observa-se que nas histórias relatadas ocorrem dois movimentos diferentes pelos sujeitos, onde uns contam histórias restritas colocando as personagens passivas, defendendo-se, assim, contra o conteúdo latente do cartão e outros representam histórias com características ligadas às questões da dependência.

Assim, nos sujeitos que evitaram o conflito, os mesmos construíram uma história restrita, distanciaram-se do material e colocaram a figura feminina e a masculina, numa posição passiva (“com sono”, “adormecidas”, “dormiram juntos”) como forma de fuga contra a reactivação da dinâmica entre o casal e contra a relação. Estando adormecidas, ou a acordar, a relação entre ambas as personagens não existe. Assim, a relação entre estas é evitada. Podemos ponderar que

os sujeitos evitaram projectar as suas representações internas relativamente à dinâmica de casal, como forma de defesa contra a agressividade que poderia surgir entre as personagens. Pode-se deduzir que a dinâmica entre o casal, que foi introjectada torna-se demasiado angustiante para ser representada, sendo assim evitada. Pode-se afirmar que de certo modo existe uma atitude fóbica, onde os sujeitos fogem da relação, evitando a sua representação para a agressividade não emergir dentro do casal.

Nos outros sujeitos, observa-se que nas histórias representadas a figura feminina é percebida de duas formas diferentes. Esta foi percebida tanto como doente e morta, bem como desvalorizada, vista como inferior e sem necessidades. O facto de a mulher ser vista como morta e doente remete-nos para a angústia da perda do objecto. Existindo o medo de perder o objecto que é necessário para a sobrevivência física e psicológica. A figura feminina ao ser percebida como inferior, desvalorizada e sem necessidades, remete para o facto de esta representar para o sujeito um objecto que existe para ser usado para a satisfação das suas necessidades imediatas, sendo a relação entre o sujeito e o objecto uma relação de uso e apropriação.

Assim, o objecto, que neste caso é a figura feminina, é tanto visto como um objecto necessário para a sobrevivência do sujeito, pois o mesmo é constituído como um objecto de apoio, como é visto como um objecto que existe para satisfazer as necessidades imediatas do sujeito. Apesar de as percepções do objecto serem diferentes, estas remetem para a mesma problemática, a da dependência. O sujeito tanto depende do objecto para satisfazer as suas necessidades como para se apoiar. A dependência acaba por ser revelada nas histórias contadas pelos sujeitos, apesar de estes lidarem de forma diferente com esta questão. Um tenta demonstrar o seu desprendimento relativamente ao objecto, negando a sua dependência através da humilhação e uso do objecto, não vendo o objecto como separado e com necessidades. E o outro utiliza retiradas narcísicas como defesa contra a perda do objecto e como forma de negar a sua dependência. Acabando por a dependência ser uma dependência “mascarada”.

Verifica-se, novamente, tal como no cartão 4 e 10, que apesar das histórias relacionadas com a relação de casal serem relatadas de forma diferente e com desenrolares diferentes, a própria representação da relação de casal e sua dinâmica é idêntica em todos, sendo esta representada como uma relação onde surgem as questões de dependência e do medo da perda do objecto.

No geral, após a análise das características de cada cartão, pode-se afirmar que se verifica uma tendência para a recusa, nomeadamente nos cartões que remetem para a agressividade e para a relação de casal com características libidinais e/ou agressivas. Pode-se supor que estes cartões foram altamente indutores de angústias internas nos sujeitos, devido aquilo a que os mesmos se

encontram expostos. Observa-se, também, a tendência para o anonimato e isolamento das personagens e das suas relações, observando-se o evitamento do confronto com a relação libidinal e/ou agressiva entre as personagens. O anonimato permite o não comprometimento com o material e com as personagens. Permite que o sujeito se distancie a si mesmo e às suas relações ao não dar um estatuto familiar ou social às personagens. Assim estas não apresentam pareças com o sujeito nem com as suas relações próximas, ocorrendo um distanciamento do material. Deste modo, o sujeito evita evocar a representação de relações precisas e próximas pois estas estão demasiado carregadas no nível agressivo.

O isolamento das personagens permite aos sujeitos negar e ignorar a relação entre as personagens das imagens. Ao negar a relação entre as personagens, os sujeitos evitam a emergência de representações relacionais agressivas ou libidinais fortemente induzidas nos cartões apresentados. Através do uso do isolamento os sujeitos tentam, novamente, distanciar-se do material.

Pode-se dizer que os sujeitos ao não evocarem relações evitam o confronto com a relação libidinal ou agressiva, surgindo um afastamento e uma dessexualização. Isto demonstra uma atitude fóbica por parte dos sujeitos, onde estes fogem da relação e evitam-na como forma de controlar a agressividade que poderia emergir.

Em alguns sujeitos observam-se dificuldades em estabelecer identificações e identidades. Pode-se pensar que estes não se querem comprometer com nenhuma personagem em específico, talvez porque a agressividade pertence a essa personagem, ou talvez porque essa personagem apresenta características demasiado idênticas às dos sujeitos, sendo a dificuldade de identificação ou de estabelecimento de identidade uma fuga a esta percepção.

Nota-se uma constante defesa contra a agressividade proveniente do material. Esta defesa contra a agressividade dá-se através do isolamento das personagens e relações, através do anonimato, da projecção e da clivagem, e através da não tomada de uma posição fixa (activa ou passiva), ou seja a não identificação com uma personagem específica. Os sujeitos não sabem o que fazer com a agressividade que identificam em si mesmos, projectando-a para o exterior, punindo-se pelo facto de a agressividade lhes pertencer ou acabando por tomar uma posição activa, após as defesas contra a agressividade falharem. Esta grande agressividade que emerge nos sujeitos pode remeter para angústias que não conseguem ser pensadas, sendo o conflito deslocado para o exterior como forma de libertar a agressividade que ameaça o equilíbrio psíquico dos sujeitos.

Verifica-se que existe uma forte emergência do processo primário e do evitamento do conflito. O evitamento do conflito tem como objectivo não abordar nem realizar a relação, bem como a sexualidade e a agressividade no casal.

6. CONCLUSÃO

O objectivo deste estudo era perceber se o facto de se estar exposto a violência doméstica levava à internalização da dinâmica existente entre a vítima e o agressor. Desta forma, colocou-se como hipótese que a representação da dinâmica relacional do casal iria ser idêntica à vivenciada e observada pelos pré-adolescentes expostos a violência doméstica devido ao facto de ocorrer a internalização das relações observadas. Sendo que esta internalização era o que iria constituir as relações de objecto internas dos sujeitos e a sua dinâmica do mundo interno.

Pode-se afirmar que a hipótese foi verificada através do observado nas histórias relatadas pelos sujeitos. Os sujeitos internalizaram a relação a que estão expostos, tendo projectado nas histórias a dinâmica relacional vítima/agressor.

A relação representada em todos os cartões que remetiam para a relação de casal foi de dependência, onde o medo da perda do objecto e as angústias de abandono emergiam. Este tipo de relação observa-se nas relações abusivas, sendo estas questões evidenciadas na literatura relativa às relações de violência doméstica. Por exemplo, Coen (1992) afirma que nas relações de violência doméstica a forma de relacionamento do casal é uma forma patológica de dependência, onde o objecto serve para tranquilizar o sujeito contra os seus medos de separação e perda. Ou seja, a relação estabelecida está relacionada com formas intensas de envolvimento com o outro que serve para atenuar os perigos da separação, da perda, do sofrimento e da solidão. O casal apresenta dificuldade em estar separado e em sentir-se valioso, devendo estar um com o outro e um para o outro. Twemlow (1995) afirma que cada parceiro se sente ligado um ao outro por forças que estão para além do seu controlo, existindo uma dependência emocional entre ambos. Já Avery (1977) afirma que a relação de sadomasoquismo, formada entre a vítima e o agressor, serve para defender os sujeitos contra a perda do objecto, pois por detrás deste tipo de relação está o medo da perda do objecto por parte de ambos os parceiros.

Os sujeitos representam o casal como tendo uma relação de dependência e de apoio, onde o objecto é considerado indispensável para a sobrevivência. O casal parece ser representado como fundido. Os membros do casal são percebidos, pelos sujeitos, como objectos de apoio, tendo uma função de anáclise. Coen (1992) defende que este tipo de fusão é uma forma de luta contra a perda do objecto e contra a separação. Deste modo, Martins (2009) afirma que a relação é estabelecida de forma a que a (o) parceira (o) represente este objecto de apoio, pois sem este objecto os sujeitos têm medo de não sobreviver.

Nota-se que existe o medo de que um terceiro elemento ameace o vínculo do casal. Este medo da dissolução do vínculo por um terceiro elemento dá, novamente, conta da dependência e

ansiedade de perda da relação. Algo que, como referido anteriormente, está presente na dinâmica relacional vítima/agressor.

Outra questão relacionada com a dinâmica relacional vítima/agressor é a percepção que os sujeitos apresentaram das personagens femininas e masculinas. Podendo-se observar que a personagem feminina foi percebida como submissa e dependente e a personagem masculina como rejeitante, como um objecto abandonado e com atitudes de desprezo. Sabe-se que, normalmente, é nestas posições que a vítima e o agressor são colocados no âmbito da relação de casal. A mulher com comportamentos de submissão e o homem com atitudes e comportamentos agressivos e de exercício de controlo e poder sobre o objecto. Sendo que ambos os parceiros se complementam na relação que estabelecem.

Estas questões de poder e submissão estão por detrás da ligação entre o casal abusivo, verificando-se nestas o medo da perda do objecto. Na literatura é referido que, tanto a submissão, que está ligada ao masoquismo, como o poder e domínio sobre o objecto, que está ligado ao sadismo, são formas de defesa contra a perda do objecto e são uma forma de procura da obtenção do amor do objecto, como refere Berlinder (1958). No comportamento do sádico a agressividade aparece como uma insistência em obter o amor necessário a qualquer preço (Berlinder, 1958). Kernberg (1995) afirma que existe o desejo de dominar o objecto na procura de poder sobre o mesmo, sendo os componentes sádicos aqui encontrados os ataques ao objecto que são auto-limitados pela submissão do mesmo. A submissão do objecto é representada nas histórias dos sujeitos, após a agressividade em termos de desprezo e abandono emergir por parte da figura masculina. Verifica-se também nas histórias relatadas uma colaboração masoquista por parte da figura feminina que se submete apesar dos comportamentos de desprezo por parte da figura masculina. Stoller (1975, cit.por Leonoff, 1997) afirma que uma das formas de sadismo consiste nesta tal colaboração masoquista do objecto, ocorrendo encenações perversas entre os elementos do casal. Dando-se a dominação sobre o objecto e a consequente submissão do mesmo. Este domínio, controlo e desprezo, servem, assim, para obter o amor do objecto pois o mesmo acaba por se submeter e conectar-se mais fortemente, dando o que o sujeito deseja. Nas histórias dos sujeitos a personagem feminina submetia-se, tentando fazer com que a personagem masculina não abandonasse a relação, tendo nós colocado como questão se a submissão não teria sido o objectivo pretendido com as atitudes da personagem masculina. Vistas as coisas desta forma, o que foi referido a cima acaba por confirmar esta questão colocada anteriormente. Através dos comportamentos apresentados pela personagem masculina a submissão da figura feminina foi conseguida e consequentemente foi promovida a dependência da mesma em relação à figura masculina. A personagem recorre à agressão na forma de desprezo, o que vai fazendo

com que a personagem feminina se submeta, ocorrendo assim a promoção da sua dependência (Dutton & Starzomski, 1993).

Os comportamentos representados, na personagem masculina, de desprezo e abandono podem também ser a forma encontrada para ser negada a dependência por parte desta personagem. Na literatura é referido que existe uma tendência para ser negada a dependência do objecto. Dutton (1996, cit. por Broué, 2002) afirma que parece existir uma necessidade de se querer manter a ilusão do desprendimento do objecto. Existindo a necessidade de desprezar, de desvalorizar e de exercer controlo e poder para não se aceitar a dependência do objecto ou para encobri-la e omiti-la. Já os comportamentos submissos representados na personagem feminina revelam uma tentativa de pedido de amor ao objecto, ocorrendo a submissão como forma de não se sucumbir à perda do objecto. Este comportamento é caracterizado na literatura como típico do masoquismo. Sendo a submissão preferível ao abandono por parte do parceiro e consequente perda do objecto, como afirma Menaker (1953).

Posto isto, pode-se afirmar que as relações representadas pelos sujeitos apresentam contornos sadomasoquistas que estão ligados à dinâmica relacional vítima/agressor.

Outra questão relacionada com a dinâmica relacional vítima/agressor, e que foi verificada nos sujeitos, foi a representação que os mesmos apresentaram da figura feminina. Esta foi representada de duas formas diferentes, tendo tanto sido percebida como um objecto anaclítico, bem como um objecto para ser usado para a satisfação das necessidades e impulsos da figura masculina. Sabe-se que estas duas visões do objecto, nomeadamente no que se refere à vítima, são evidenciadas na literatura relacionada com a dinâmica vítima/agressor, estando as mesmas ligadas a tipos de funcionamento diferentes no que diz respeito ao agressor. Ou seja, a figura feminina vista como um objecto de suporte remete para um funcionamento borderline e a figura feminina vista para ser usada para a satisfação das necessidades imediatas remete para a perversão narcísica. Dutton e Starzomski (1993) afirmam que no funcionamento borderline as relações servem para manter a integridade do ego, deste modo, necessitam e dependem da relação com a parceira para prevenir a desintegração do *self*, sendo esta considerada um objecto de apoio para o sujeito. Quando sente que a parceira o está a abandonar ou está a falhar na resposta às necessidades de apoio, recorre a comportamentos agressivos para que esta se volte a reconectar com ele e lhe dê o suporte necessário. Celani (1999) refere que a dinâmica relacional se configura como um ciclo onde surgem ataques ao objecto, quando este aparentemente falha aos olhos do sujeito, seguidos de retraimentos caracterizados por comportamentos de amor e de reparação para com o objecto, devido ao surgimento da culpa pelo possível dano efectuado ao objecto necessário para a sua sobrevivência.

Coen (1992) afirma que na perversão narcísica a parceira é vista como um objecto que existe para ser usado para a satisfação das necessidades imediatas do sujeito. O sujeito sente que tem o direito de obter o que deseja do outro, outro esse que existe para o gratificar. A relação torna-se um abuso destrutivo da outra pessoa, a favor das necessidades do sujeito, sendo as necessidades da outra pessoa negadas e ignoradas.

Apesar destes dois tipos diferentes de funcionamento o que está no centro da questão, mais uma vez, é a dependência do objecto, apesar de a mesma ser negada ou apesar de serem mobilizadas defesas contra esta. Verifica-se que a forma como a dependência se evidencia, nos sujeitos, difere consoante o tipo de funcionamento de cada um, podendo dar-se através da desvalorização e abuso do objecto como forma de negação da mesma, onde o sujeito tenta demonstrar o seu desprendimento relativamente ao objecto, negando a sua dependência através da humilhação e uso do objecto para a satisfação das suas necessidades, não vendo o objecto como separado e com necessidades. Ou podendo dar-se através do uso de várias defesas nomeadamente narcísicas e maníacas como defesa contra a posição depressiva que emerge após a perda do objecto e através da necessidade de ter o objecto por perto, pelo facto de este ser percebido como um objecto de apoio indispensável à sobrevivência do sujeito.

Por fim, outra questão que se verifica e que está implícita na dinâmica do casal é a questão da percepção do objecto não ser uma percepção total, mas sim clivada. Sendo este tipo de percepção o que modula os estados emocionais dentro da relação de casal, os momentos de agressividade e amor, e conseqüentemente a forma como ambos os elementos se relacionam. Os sujeitos representam o objecto como um mau objecto que coloca os sujeitos numa situação de perda, que origina o conflito, que ataca o narcisismo e que traí. Esta percepção do objecto como um mau objecto originou, nas histórias relatadas, a emergência da agressividade, o abandono e o desprezo como forma de ataque. Walker (1979, cit. Por Zosky, 1999) afirma que a clivagem é comum nas relações violentas. Siegel (1992, cit. por Zosky, 1999) refere que a partir do momento em que o objecto é visto como “bom” ou “mau”, a resolução de problemas e a escalada de conflitos é severamente desafiada. Sem a constância do objecto, é impossível manter ambos os sentimentos de amor e raiva pelo objecto ao mesmo tempo. Pois a parte “boa” do objecto não está disponível para modular a parte “má”, ocorrendo a agressão contra o objecto quando este é percebido como “mau”. Após o episódio violento, devido à percepção do mau objecto, surge o aparente restauro do “bom objecto”, originando-se comportamentos de amor para com o objecto danificado. A clivagem contribui, assim, para intensas mudanças de humor à medida que o *self* e o objecto são vistos como maravilhosos ou sem valor. Celani (1999) afirma que dependendo se o sujeito é visto como bom ou mau, os casais estão propensos a mudanças entre a intimidade e a

distância. Destas clivagens deriva a identificação projectiva que está presente na dinâmica do casal (Celani, 1999).

Não nos podemos esquecer que o mau e o bom objecto são criados pelo sujeito através do uso da projecção, ou seja, o sujeito projecta o seu próprio mau objecto interno na parceira, sendo esta quem carrega aquilo com o qual o homem está desconfortável. Esta é condenada a comportar-se de acordo com o que é projectado. A mulher actua como um recipiente para os sentimentos do homem de insuficiência, impotência e auto-aversão. Quando ele se identifica com a sua projecção, experiencia a sua parceira como atacante. Assim, a identificação projectiva pode levar aos ataques verbais e físicos pelo parceiro. Sendo este, como já referido, um importante conceito na explicação da dinâmica da relação abusiva e uma parte central da escalada sistemática de tensão que leva à violência (Zosky, 1999).

Ao se analisarem os resultados, foi averiguado que os sujeitos apresentam algumas características idênticas às que se encontram nos agressores. São verificadas questões relacionadas com o medo da perda do objecto, com as angústias de abandono e com a dependência do objecto. Verifica-se a existência de questões ligadas à dificuldade no controlo de impulsos. Observa-se o uso da clivagem (nomeadamente a percepção do objecto como um mau objecto) e da projecção (da culpa, do conflito e da agressividade). Por fim, nota-se uma oscilação nas posições activa/passiva. As questões ligadas ao medo da perda do objecto, às angústias de abandono e à dependência foram observadas ao longo de todos os cartões. Sabe-se que estas questões é que levam os agressores a exercer controlo e poder sobre o objecto através de agressão física e/ou verbal, como forma de manter a parceira na relação. E é o medo da perda do objecto que faz com que alguns agressores tentem reparar o dano efectuado a este após ataques ao mesmo. É para se defender contra estas angústias que o agressor procura a relação com o objecto, pois necessita do mesmo para sobreviver.

Nota-se que os sujeitos apresentaram uma tendência em deslocar o conflito para fora do casal, sendo esta questão de grande pertinência porque se relaciona com o medo da ruptura com o objecto e sua consequente perda caso o conflito proviesse de dentro do casal. Ou seja, os sujeitos tentaram salvar o casal do conflito porque se a separação se efectuasse, caso o conflito viesse de dentro do casal, esta seria demasiado assustadora para ser tolerada, como refere Coen (1992).

Verifica-se que os sujeitos mostram-se dependentes do objecto para este servir de apoio e para responder às suas necessidades. Coen (1992) afirma que os agressores ao serem dependentes do objecto, devido ao facto de sem o mesmo não terem o suporte de que necessitam e não terem satisfeitas as suas necessidades, têm medo da separação sendo incapazes de renunciar à ligação. Martins (2009) defende que é esta dificuldade de separação, devido à dependência do objecto,

que faz com que os agressores lutem pela sua sobrevivência psíquica, nem que para isso tenham de agredir o objecto para que este não abandone a relação. Possivelmente devido a estas questões é que os sujeitos representaram histórias onde: a figura masculina apresenta comportamentos agressivos para com a figura feminina como forma de promover a sua dependência e submissão; onde ocorre o deslocamento do conflito como forma de salvar o casal; onde se estabelece uma relação sadomasoquista entre as personagens como defesa contra a perda do objecto; onde o casal é percebido numa relação de anáclise existindo os membros um para o outro; e onde a existência de um terceiro elemento é percebida como ameaça ao vínculo do casal pois pode causar o abandono por parte de um dos elementos. Possivelmente devido a estas questões é que a dinâmica relacional projectada nos cartões, que remetiam para a relação de casal, evidencia a existência da dependência onde o medo da perda do objecto e as angústias de abandono podem emergir.

A dificuldade no controlo dos impulsos também foi observada nos sujeitos, tendo sido esta falta de controlo de impulsos que levou a algumas passagens ao acto ao longo das histórias (nomeadamente no cartão 8 BM). A passagem ao acto, devido à incapacidade no controlo de impulsos, foi percebida no ataque ao objecto após este ter ferido o narcisismo dos sujeitos, bem como após estes serem colocados em contacto com uma perda (e.g. sujeito 1 no cartão 8 BM “uma família matou uma pessoa da outra...então o rapaz ...pegou na caçadeira...fez mira e...acertou-lhe no peito”), ocorrendo aqui uma vingança contra o objecto que acciona o sofrimento e que coloca os sujeitos em contacto com a perda (Broué, 2002). A passagem ao acto também foi observada no ataque ao objecto sem motivo aparente (e.g. sujeito 3 cartão 8 BM “foi este homem que o matou...está como se não tivesse feito nada, como se não tivesse acontecido nada”).

O uso da clivagem e da projecção (da culpa, do conflito e da agressividade) foram observados nos sujeitos. Sabe-se que estes mecanismos de defesa são tipicamente utilizados pelos agressores, e normalmente são estes que dão origem à emergência do abuso. Relativamente à clivagem, foi referido anteriormente que esta acaba por modular os estados afectivos e emocionais do agressor e as suas reacções para com a vítima, sendo que quando esta é percebida como um mau objecto, porque carrega com as projecções do sujeito relativamente aquilo que o mesmo não consegue tolerar em si mesmo, a agressividade pode emergir.

Nota-se a presença do uso da projecção, mecanismo de defesa bem presente nos agressores, o qual os mesmos usam para projectar a culpa, a agressividade e o conflito, salvando-se a si mesmo e conservando-se como um bom objecto, ficando o mau objecto no exterior. Martins (2009) refere que o agressor nunca questiona o seu comportamento porque não consegue experienciar o conflito dentro de si mesmo tendo que expulsá-lo para outra pessoa. Ao projectar o conflito para

a outra pessoa sente que é esta que o origina e que por isso é a culpada, dando-se, assim, também a projecção da culpa. Martins (2009) afirma que a violência exercida é negada e denegada pelo agressor e que este subtilmente inverte a relação acusando a vítima de ser a culpada pelos ataques. Acabando esta por atribuir os maus tratos a si mesma pelo facto de sentir que é a culpada de algo. Esta projecção da culpa acaba por ser, também, uma consequência da percepção do objecto como um mau objecto, atribuindo o agressor a este a culpa pela origem das agressões. Walker (1979, cit. por Dutton & Starzomski, 1993) afirma que o agressor tem tendência a ser extremamente exigente com a vítima, exigindo que esta faça o impossível. Quando esta aparentemente falha, aos olhos do agressor, a raiva deste emerge porque o sentimento de *self* torna-se ameaçado, e devido ao uso da projecção como defesa ocorre a externalização da culpa na parceira. A projecção da agressividade ocorre devido ao facto de existir uma tendência para os agressores negarem as suas condutas agressivas como forma de defesa contra a agressividade que identificam em si mesmos (Martins, 2009). Os sujeitos da amostra projectaram a agressividade no objecto (nomeadamente no cartão 8 BM) sentindo-o como atacante e agressivo, ficando este como o responsável pelo dano efectuado.

Por fim, nota-se uma oscilação nas posições activa/passiva nos sujeitos. Esta oscilação nas posições pode ser devido ao facto de estes tentarem negar a agressividade tentando defender-se da mesma ao projectá-la para o exterior, tal como os agressores o fazem. Ou pode estar relacionada com o facto de os sujeitos se colocarem numa posição passiva quando atacam o objecto e, de seguida, se colocarem numa posição passiva quando se retraem após o ataque, e quando sentem o medo de perder o objecto devido ao possível dano causado. Por exemplo, no segundo sujeito observar-se a oscilação entre as posições, estando este primeiramente numa posição activa e passando posteriormente a uma posição passiva. Quando percepção a agressividade como proveniente do rapaz, visto ter uma caçadeira, acaba por se punir de seguida. Esta punição deve-se ao facto de o sujeito ter agredido o objecto e o ter danificado, podendo ser um sinal da culpabilidade pelo dano causado ao objecto, pelo facto de existir a possibilidade de o perder. A punição é procurada porque ajuda a controlar a própria agressividade que iria ser usada contra o objecto e que poderia originar a sua perda posterior. Aqui nota-se que esta oscilação entre uma posição passiva e activa também pode remeter para o sadomasoquismo intrapsíquico que muitas vezes se encontra nos agressores que apresentam um funcionamento borderline. Estes apresentam uma tendência para oscilar entre um estado sádico, onde atacam o objecto, e um estado masoquista, onde se retraem após o ataque. Por exemplo, no sujeito 2, observa-se que após o ataque ao objecto este se pune para controlar a agressividade o que nos remete para a questão do masoquismo, onde existe o medo de danificar o objecto devido à agressividade do

sujeito, ocorrendo um movimento auto-punitivo (Berlinder, 1958). Kernberg (1995) afirma que existe, nos sujeitos borderline, uma tendência em cometer ataques contra o objecto de que necessitam, sendo esta reacção seguida de depressão e de comportamentos submissos devido ao facto de a agressividade ter originado um dano no objecto necessário para a sua sobrevivência. Prior (1996, cit. por Howell, 2002) sublinha que estes sujeitos apresentam ambos os modelos de masoquista e de sádico. A forma intensa e efectiva na qual o sujeito é agressivo contra o objecto pode ser compreendida como resultando do mesmo modelo relacional no qual o sujeito sofre como vítima. Este modelo compele o sujeito a ser não só uma vítima ou masoquista, mas também um agressor ou sádico. Estes papéis manifestam-se em diferentes momentos na patologia borderline. Esta alternância entre os estados vítima/masoquista e agressor/sádico podem ter por base a clivagem. Kernberg (1980, cit. por Howell, 2002) sublinha a dissociação primitiva ou clivagem como uma operação defensiva que mantém separadas as unidades libidinais e agressivas da relação de objecto. Quando o estado de agressor está em acção, o estado de vítima ou de masoquista está em plano de fundo. Assim, a carência e a vulnerabilidade podem ser projectadas na vítima e contribuir para uma relação de papel complementar, mesmo que apenas temporariamente. Uma das razões para o estado de agressor não ser sustentado por muito tempo é porque este provoca retaliação que faz emergir o medo da perda da ligação necessitada e o *self* masoquista. O *self* masoquista só se mantém até o estado de raiva ser accionado. Deste modo, ambos os estados se alternam um com o outro.

Apesar de os sujeitos terem representado a dinâmica relacional vítima/agressor, isto não nos esclarece definitivamente qual a posição em que estes se colocam, ou seja, se apresentam uma identificação com a vítima, ou uma identificação com o agressor. Contudo, podemos fazer uma leitura daquilo que foi referido pelos sujeitos, das características que são típicas na vítima e no agressor referidas na literatura, e daquilo que é característico ao nível da formação das identificações ao longo do desenvolvimento. Ao fazer esta leitura, observamos que no que concerne às características da vítima e do agressor, a figura feminina foi representada como sendo dependente e submissa, tal como a literatura descreve a vítima. E a figura masculina foi descrita como agressiva, abandonada, rejeitante e com atitudes de desprezo para com a figura feminina, tal como a literatura descreve o agressor. No que concerne à formação das identificações, é suposto que os sujeitos do género masculino se identifiquem com a figura paterna e com outras figuras masculinas e que os sujeitos do género feminino se identifiquem com a figura materna e com outras figuras femininas. Assim, o facto de a figura feminina dos cartões ser representada com características típicas das vítimas e o facto de no desenvolvimento ocorrer uma identificação dos sujeitos do género masculino às figuras masculinas, pode-se pressupor que pode existir uma

tendência para a identificação com o agressor, sendo esta fortemente representada nos cartões. A acrescentar a estas fundamentações temos, também, o facto de os sujeitos terem dado indícios de apresentar características idênticas às dos agressores.

Claro que não se podem tirar conclusões definitivas relativamente à identificação com o agressor, podendo só colocar-se como hipótese que pode existir uma tendência para esta existir.

Podemos ponderar, também, que pode existir simultaneamente uma tendência para a ocorrência de uma identificação com a vítima. Como referido anteriormente, os sujeitos do género masculino normalmente identificam-se com a figura paterna, contudo a consequência lógica da teoria da identificação é de que o rapaz também se deve identificar com a figura materna pois esta é o objecto principal que é abandonado (Koff, 1961).

Tal como vimos anteriormente a oscilação entre a posição activa/passiva pode remeter para a oscilação nos sujeitos entre um estado intrapsíquico sádico e masoquista. O estado masoquista pode representar uma identificação com a vítima e o estado sádico uma identificação com o agressor. Prior (1996, cit. por Howell, 2002) sublinha a existência de uma rápida oscilação entre os estados dissociativos de identificação com o agressor e com a vítima. Enfatiza que, apesar de estes estados parecerem diferentes, são baseados no mesmo pressuposto, ou modelo de expectativas e sentimentos sobre o mundo das relações de objecto. É repetido o tema do trauma da relação, existindo uma visão do mundo com duas grandes partes, a da dominação e da submissão. Os conteúdos mentais é que mudam de um para o outro. Por instantes os sujeitos podem conscientemente identificar-se com o estado de vítima, e negar o accionamento do estado de agressor. Podem pensar que são tão “bons” que não magoam ninguém. Ambos os estados são simultâneos mas descontínuos. Por exemplo, não é incomum ouvir referências ao “bom” *self* que não fez nada de mal enquanto o estado de agressor está em acção (Howell, 2002).

Se existe de facto uma identificação com o agressor ou com a vítima, isso não se pode concluir de forma definitiva. Podemos pensar que pode existir uma tendência para a ocorrência dessas identificações mas que não existem dados suficientes para referir isso com clareza absoluta.

Também não nos podemos esquecer de que a personalidade dos pré-adolescentes ainda se encontra em construção, não se podendo retirar conclusões a este nível, contudo já se começa a estruturar, o que é verificado através das características observadas.

Por fim, um dado importante e que foi verificado é de que se observa a tomada de duas posições diferentes pelos diferentes sujeitos no que diz respeito à representação da relação de casal. Uns sujeitos tomam uma posição fóbica apresentando uma atitude fóbica face aos cartões que

remetiam para a representação da agressividade no seio do casal, apresentando histórias restritas ou histórias onde as personagens são colocadas em posições passivas. Pode-se supor que estes sujeitos tentam fugir da relação como forma de defesa contra a agressividade. Ou seja, fogem da relação para não se tornarem agressores. Já outros sujeitos tomam uma posição diferente, tendo elaborado histórias que remetem para a agressividade no seio do casal, podendo-se supor que estes podem ter uma tendência para se identificarem com o agressor, tornando-se agressores.

De todos os sujeitos observados, dois deles parecem estar em maior perigo e com uma maior probabilidade de se envolverem futuramente numa relação abusiva. Esses dois sujeitos são o sujeito 1 e o sujeito 3. Considero que o sujeito 3 é um dos que está em maior risco devido ao facto de este representar as relações homem/mulher como uma relação de poder, uso, apropriação, humilhação e desprezo, pelo facto de representar a figura feminina como um objecto que serve para ser usado para a satisfação dos impulsos, como um objecto que não tem necessidades próprias. Esta é a dinâmica relacional interna do sujeito 3, é assim que ele pode vivenciar uma futura relação. Outro factor preocupante é a questão da agressividade, onde se verifica que o sujeito se coloca numa posição activa atacando o objecto, não tendo posteriormente espaço para a reparação do mesmo.

Quanto ao sujeito 1 um dos factores preocupantes é a questão da erupção da agressividade após o narcisismo ser atacado e após ser confrontado com uma perda. Apesar de a defesa contra a agressividade, o sujeito acaba por perder o controlo apresentando movimentos agressivos contra o objecto. Mas o maior factor de perigo observado é o facto de este erotizar a relação mãe-filho e de não existir uma simples identificação com a figura paterna, mas sim o desejo da tomada do lugar da mesma. Aparecendo o desejo primitivo de ter em vez de um desejo mais maduro de ser. Parece que o sujeito pretende reconstituir a unidade simbiótica entre a mãe e o filho, não existindo espaço para a mediação paterna que funciona como agente da separação de ambos, como suporte identificatório e como um elemento indispensável à triangulação. Sem a presença da figura paterna e da angústia de castração, os investimentos e fantasmas incestuosos sobre a figura materna continuam e, assim, a formação do superego fica comprometida e consequentemente a noção de moral também.

Posto isto e após se verificar que a hipótese colocada inicialmente foi verificada, a questão que se coloca é se já que a dinâmica relacional vítima/agressor foi internalizada pelos sujeitos e se a percepção que estes têm da relação de objecto é a que foi referida, como é que estes pré-adolescentes irão vivenciar as suas futuras relações de casal. Sabe-se que estas introjecções formam “modelos” psicológicos duradouros para todas as futuras relações e que estas irão ser formadas com base nestes modelos (Morehead, 2002). Posto isto, será que estes pré-adolescentes

irão iniciar uma relação abusiva futuramente devido a estas relações de objecto interno patológicas? Será este um mecanismo responsável pela perpetuação das relações abusivas? A dinâmica interna do sujeito influencia a dinâmica existente na relação de casal. Se estes pré-adolescentes apresentam esta dinâmica interna é possível que a mesma vá influenciar a dinâmica da relação que possam vir a estabelecer. Podendo-se considerar que a introjecção da dinâmica relacional vítima/agressor pode ser um dos mecanismos responsáveis pela perpetuação das relações abusivas.

Contudo, estes pré-adolescentes ainda estão numa fase de desenvolvimento em que podem ocorrer algumas mudanças internas, não se podendo concluir nada em concreto nem definitivo. Mas, podemos ter em conta que a compreensão da problemática aqui proposta e os resultados obtidos são importante para se perceber o impacto que a exposição à violência pode ter nos sujeitos expostos a esta.

A compreensão da problemática aqui proposta pode permitir o estabelecimento de novos modelos compreensivos de intervenção. O facto de se perceber que a internalização das relações observadas pode vir a constituir-se como um dos factores que contribui para a futura violência conjugal, pode levar a que se pensem novas formas de actuação e intervenção na área da violência doméstica.

Primeiro é preciso perceber que a violência doméstica não é criada só por um dos elementos, mas sim por ambos os elementos do casal, precisamente devido a dinâmicas relacionais internas patológicas. Tanto a vítima e o agressor, para além desta dinâmica interna, apresentam características da personalidade que podem originar uma relação abusiva. O masoquismo da vítima e o sadismo do agressor quando se encontram podem vir a conjugar-se e a criar um cenário sadomasoquista, onde a violência emerge. É preciso compreender que a ligação que se cria entre um e outro é uma ligação de dependência e que a quebra do vínculo é extremamente difícil para ambos os membros pois a mesma equivale à perda do objecto. Ambos os membros estão ligados por forças que estão para além do controlo. O trabalho, por parte dos serviços, tem de estar cientes de que é difícil controlar a situação só através do apoio à vítima, ou só através de medidas implementadas. Estas ajudam, mas não são suficientes para colocar um fim à relação abusiva. Muitas das vítimas, após a separação, acabam por voltar para o agressor, ou mesmo quando a separação se efectua podem vir a encontrar outro parceiro que acaba por se tornar igual ou pior ao parceiro anterior, repetindo-se o padrão relacional, caso este parceiro apresente as características necessárias para complementar as da vítima. O mesmo ocorre com o agressor, que até pode separar-se da vítima, contudo após a separação ou tenta voltar para ela, ou tenta

acabar com a vida da mesma, ou junta-se a outra potencial vítima para a repetição do padrão, caso esta apresente as características necessárias para complementar as do agressor. A repetição do padrão relacional pode ser fruto da internalização de relações de objecto patológicas que acabam por contaminar o mundo interno do sujeito e a ser repetidas no seu mundo externo.

É necessário compreender que não é só o contexto social e económico que influencia e potencia a violência doméstica, pois a mesma ocorre em todos os extractos sociais e económicos e é criada por aspectos bem mais profundos. Aspectos esses que estão ligados à personalidade e à dinâmica interna dos sujeitos.

As intervenções nesta área deveriam incluir não só as vítimas, mas também os agressores. Para além disso, a intervenção deveria ser mais focada em acompanhamentos psicoterapêuticos a ambos os membros do casal, para estes iniciarem um processo de abandono destas relações de objecto internas patológicas e reconstruírem relações de objecto internas saudáveis. Claro que muitos obstáculos teriam que ser ultrapassados, nomeadamente o facto de o agressor raramente estar disponível ou motivado para um acompanhamento, mas não deve ser por esta razão que se desiste de implementar um serviço também direccionado para os agressores. As intervenções nas áreas das crianças e jovens em perigo também deveriam ter estas questões em conta. Como se observou neste estudo, os pré-adolescentes demonstram esta relação de objecto interna patológica e já demonstram alguns traços idênticos aos agressores. Estes ainda estão numa idade em que a personalidade está em construção e a estruturar-se, logo a intervenção deveria ser também uma intervenção clínica neste sentido, de forma a se conseguir desconstruir estas relações internas patológicas e trabalhar as questões ligadas à formação da personalidade enquanto esta ainda tem plasticidade.

Compreender estas questões pode vir a ser benéfico para a intervenção na área da violência doméstica. Novas formas de intervenção são necessárias para se iniciar um trabalho de prevenção relativamente a estas questões, nomeadamente formas de intervenção a nível clínico para ambos os elementos que constituem a relação abusiva e para os menores a ela exposta.

7. LIMITAÇÕES E FUTURAS INVESTIGAÇÕES

O presente estudo decorreu dentro do possível de forma positiva, apesar de algumas limitações, consideramos ter alcançado o objectivo proposto, que visava o estudo da representação da dinâmica relacional vítima/agressor em pré-adolescentes expostos a violência doméstica.

Uma das grandes limitações do estudo foi o facto de não ter sido possível recolher um maior número de pré-adolescentes do género masculino como inicialmente tinha sido planeado. Devido ao baixo número de participantes os resultados acabam por não apresentar uma grande expressão a nível prático, não podendo ser generalizados. Também foi limitador o facto de não ter sido possível recolher uma amostra de pré-adolescentes do género feminino.

Outra limitação do estudo foi o facto de não se ter tido acesso a informação mais detalhada relativamente a cada sujeito. Apesar da informação relativamente à exposição a violência doméstica ter sido disponibilizada pelos técnicos da comissão que geriam os processos de cada sujeito, não se adquiriram mais informações que poderiam ser úteis. Por exemplo, teria sido pertinente perceber o tipo de violência doméstica existente entre o casal (física, psicológica ou ambas), em que contexto social e económico os pré-adolescentes estavam inseridos, se os mesmos foram expostos a este tipo de padrão relacional desde o nascimento, ou quando é que a situação abusiva se iniciou.

Para futuras investigações seria pertinente recolher mais pré-adolescentes do género masculino, e recolher uma amostra de pré-adolescentes do género feminino para tentar perceber se estas apresentam características das vítimas e para verificar se também representariam a dinâmica relacional vítima/agressor e de que forma a mesma iria ser percebida nos cartões. Também seria interessante perceber como é que estas lidariam com a questão da agressividade induzida pela prova. Seria pertinente recolher uma faixa etária mais alargada para perceber se existem diferenças nas representações da dinâmica relacional, se as características relacionadas com os agressores ou vítimas se mantêm ou se evoluem ao longo das idades devido às questões da construção e estruturação da personalidade. Poderia ser efectuada uma análise a toda a prova do TAT para serem recolhidos mais dados que poderiam ser pertinentes para se pensar nas questões da violência doméstica e problemáticas associadas à mesma. Por fim, deveria ser recolhida informação sobre o tipo de violência exercida, sobre o contexto social e económico e há quanto tempo as situações abusivas se iniciaram.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Avery, N.C. (1977). Sadomasochism: a defense against object loss. *Psychoanalytic Review*, 64(1), 101-110;
- Berlinder, B. (1947). On some psychodynamics of masochism. *The Psychoanalytic Quarterly*, 16: 459-472.
- Berlinder, B. (1958). The role of object relations in moral masochism. *The Psychoanalytic Quarterly*, 27: 38 – 57;
- Blum, H. (1991). Sadomasochism in the psychoanalytic process, within and beyond the pleasure principle: discussion. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 39: 431 – 451.
- Broué, J. (2002). Peut-on prévenir l'imprévisible? Contenir la terreur. *4e colloque de l'Association québécoise Plaidoyer-Victimes*.
- Buie, D., Meissner, W. & Rizzuto, A. M (1996). The role of aggression in sadomasochism. *Canadian Journal of Psychoanalysis*, 4(1): 1 – 28;
- Cautaerts, M. (2010). Mortelles blessures d'amour, double narcissiques, harcèlements et perversions. Les mécanismes en cause et les solutions d'un point de vue psychanalytic. *Colloque Les sens du mal*, Bruxelles.
- Celani, D. (1999). Applying Fairbairn's object relations theory to the dynamics of the battered woman. *American Journal of Psychotherapy*, 53(1), 60-73;
- Cheselka, O. (1991). Strategies of interpersonal power. *Contemporary Psychoanalysis*, 27: 702-720;
- Coen, S. (1992). The excitement of sadomasochism. In *The misuse of persons: Analyzing pathological dependency* (S. Coen. Ed.). Hillsdale, NY: The Analytic Press. 344 p.
- Crabtree, H. (2008). Love turned Angry: an exploration of domestic violence from an object relations perspective. University of Central Lancashire;
- Domingues, M., Domingues, T. & Baracat, J. (2009). Uma leitura psicanalítica da adolescência: mudança e definição. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*. VII (12): 1-7
- Dutton, D. & Painter, S. (1993). Emotional attachments in abusive relationships: a test of traumatic bonding theory. *Violence and Victims*, 8 (2): 105-120;

- Dutton, D. & Starzmoski, A. (1993). Borderline personality in perpetrators of psychological and physical abuse. *Violence and Victims*, 8(4): 327-337;
- Fairbairn, R. (1941). A revised Psychopathology of the Psychoses and Psychoneuroses. *International Journal of Psychoanalysis*, 22, 250-279.
- Fairbairn, R. (1946). Object-relationships and dynamic structure. *International Journal Of Psychoanalysis*, 27, 30-37;
- Ferreira, M. & Nelas, P. (2009). Adolescência...Adolescentes. *Educação, Ciência e Tecnologia*. 141-162. Disponível em www: <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium32/11.pdf>
- Filippini, S. (2005). Perverse relationships: the perspective of the perpetrator. *International Journal of Psycho-Analysis*, 86(3), 755-774;
- Gaillard, B. (2008). Violences en famille. In *Psychologie criminologique*. (B. Gaillard Ed.), pp 165-183. In press, edition.
- Gomes, I. (2005). Transmissão psíquica transgeracional e violência conjugal: um relato de caso. *Boletim de Psicologia*, LV (123): 177-188;
- Ghent, E. (1990). Masochism, submission, surrender – masochism as a perversion of surrender. *Contemporary Psychoanalysis*, 26: 108 – 137;
- Hockenberry, S. (1995). Dyadic violence, shame, and narcissism. *Contemporary Psychoanalysis*, 31 : 301-311 ;
- Howell, E. (2002). Back to the States: victim and abuser states in borderline personality disorder. *Psychoanalytic Dialogues*, 12 (6): 921-958
- Jones, K. & Michel, J. (2008). Battle of dinosaurs: the impact of internalized bad paternal and maternal objects in a three-year-old boy. *International Forum of Psychoanalysis*, 17: 56-62;
- Kernberg, O. (1995). A psicopatologia do ódio. In *Agressão nos Transtornos de Personalidade e nas Perversões* (O. Kernberg, Ed.), pp. 24-35. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Klein, M. (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (M. Klein Ed.), pp. 346-385. Editora: Imago
- Klein, M. (1937). Amor, culpa e reparação. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*(M. Klein Ed.), pp. 346-385. Editora: Imago

- Klein, M. (1940). O luto e suas relações com estados maníaco-depressivos. *In Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (M. Klein Ed.), pp. 385-413. Editora: Imago
- Klein, M. (1946). Notes on some schizoid Mechanisms. *In Envy and gratitude and other works 1946-1963* (M. Klein Ed.), pp. 1-25. London: The Hogarth press and the Institute of psycho-analysis.
- Koff, R. (1961). A Definition of Identification: A Review of the Literature. *International Journal of Psycho-Analysis*, 42: 362-370;
- Leonoff, A. (1997). Destruo ergo sum: towards a psychoanalytic understanding of sadism. *Canadian Journal of Psychoanalysis*, 5(1): 95-113;
- Macedo, L. (2011). Conversações sobre experiências envolvendo emoções no contexto familiar e o desenvolvimento de pré-adolescentes. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Martins, A. (2009). Uma violência silenciosa: considerações sobre a perversão narcísica. *Cad. Psicanálise*, 22: 37-56;
- McWilliams, N. (2005). Personalidades masoquistas. *In Diagnóstico Psicanalítico* (N. McWilliams Ed.). pp 291-311. Lisboa, Climepsi
- Menaker, E. (1953). Masochism – a defense reaction of the ego. *The Psychoanalytic Quarterly*, 22: 205 – 221.
- Mijolla, A. & Mijolla-Mellor, S. (2002). *Psicanálise*. Lisboa: Climepsi
- Morehead, D. (2002). The repetition compulsion and object relations: an evolutionary hypothesis. *Psychoanalysis & Contemporary Thought*, 25(3).
- Murray, H (1943). Thematic Apperception Test Manual. Cambridge, MA. Harvard University Press
- Musson, S. (2008). Women’s experience of endogenous factors that maintain an abusive spousal relationship: a phenomenological study. Monografia, University of Johannesburg.
- Ogden, T. H. (1983). The concept of Internal Object Relations. *International Journal of Psycho-Analysis*, 64: 227-241;

Odgen, T.H. (1986). Transference, Countertransference, and Projective Identification. *In The Matrix of the Mind. Object Relations and Psychoanalytic Dialogue.* (T.H. Odgen, Ed.). London: Marsfield Library;

Rizzuto, A. M. (1999). I always hurt the one I love – and I like it: “sadism and a revised theory of aggression”. *Canadian Journal of Psychoanalysis*, 7 (2).

Sampaio, D. (2010). Imagem corporal e excesso de peso em adolescentes. Tese de Mestrado. Universidade de Lisboa.

Shentoub, V. & Col, (1999), *Manual de utilização do TAT*. Lisboa: Climepsi

Silva, A. & Moreira, S. (2009). o processo de desenvolvimento na adolescência na visão psicanalítica. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*. VII (13): 1-7

Silverman, R. & Lieberman, A. (1999). Negative maternal attributions, projective identification, and the intergenerational transmission of violent relational patterns. *Psychoanalytic Dialogues*, 9(2): 161- 187.

Stolorow, R. (1975). The narcissistic function of masochism (and sadism). *International Journal of Psycho-Analysis*, 56.

Twemlow, S. (1995). The Psychoanalytical foundations of a dialectical approach to the victim/victimizer relationships. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*, 23(4), 545- 562;

Young, G. & Gerson, S. (1991). New psychoanalytic perspective on masochism and spouse abuse. *Psychotherapy*, 28 (1): 30-38;

Zosky, D. (1999). The application of object relations theory to domestic violence. *Clinical Social Work Journal*, 27(1), 55-69

ANEXOS

Anexo I – Carta de Consentimento Informado

EXMO(A) SENHOR(A)

Eu, Ana Rita Lopes Pardal, estudante de psicologia do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica no ISPA-IU (Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida), estou actualmente a realizar a tese de mestrado como exigência parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica.

O tema de investigação proposto visa estudar a representação da figura feminina e masculina em pré-adolescentes. Para a realização da investigação será necessária a participação do (a) seu (sua) filho (a). De forma a aceder à representação do feminino e masculino irão ser mostradas um conjunto de imagens com personagens ao seu filho(a), através das quais este (a) terá que construir uma história.

Como o jovem participante é menor, é necessário pedir o consentimento aos pais para a participação na investigação. Importa, ainda, referir que mesmo com o consentimento dado, a participação do (a) jovem é voluntária e este (a) poderá desistir da investigação em qualquer momento.

Todos os dados que serão recolhidos destinam-se apenas à investigação e serão tratados de forma confidencial e anónima.

Deste modo, solicita-se a autorização para a colaboração do (a) seu (sua) filho (a), sendo que o contributo prestado será fundamental para a presente investigação e posterior entrega de tese.

MUITO OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO

Lisboa, _____ de _____ de _____

O (A) Responsável pelo jovem: _____

O Investigador Responsável _____

Anexo II – Respostas dos pré-adolescentes expostos a violência doméstica e análise de cada cartão.

Sujeito 1 (13 anos)

Cartão 4

4”

Era uma vez um homem, né? E uma mulher. A mulher fazia anos, né?, e eles decidiram ir ao restaurante jantar. Então eles foram ao restaurante, sentaram-se e pediram o comer. Mas estava lá um senhor. E o marido da mulher era um cigano, então estava lá um senhor, né?, que estava a falar mal dos ciganos, e o senhor ofendeu-se e levantou-se da cadeira, queria bater no outro senhor. A mulher agarrou-o e disse “não vale a pena estares-te a chatear”. A mulher acalmou-o, jantaram e foram para casa dormir. No outro dia levantaram-se e a mulher pôs o pequeno-almoço na mesa, tomaram o pequeno-almoço e foram para o trabalho.

2’

Procedimentos:

“um homem...e uma mulher” (C/FO3).

“estava lá um senhor...estava a falar mal dos ciganos” (E.14)

“...jantaram e foram para casa dormir. No outro dia levantaram-se e a mulher pôs o pequeno-almoço na mesa, tomaram o pequeno-almoço e foram para o trabalho” (C/FO4)

Cartão 8BM

Virou várias vezes o cartão.

10”

Era uma vez duas famílias que estavam em discussão, então uma vez uma família matou uma pessoa da outra. Então o rapaz de uma das famílias pegou numa caçadeira (...) fez a mira, ele saiu do carro o senhor da outra família e pásss acertou-lhe no peito. Os outros ouviram e foram ver o que se passou. Era o pai deles que estava deitado no chão morto. Foram aos tiros para casa dos outros e os outros também começaram aos tiros. Os outros tinham uma porta nas traseiras e fugiram estrada fora. Já está.

2’

Procedimentos:

“Virou várias vezes o cartão” (C/FO5)

“...uma pessoa...o senhor da outra família...o pai deles” (C/FO3)

“...pegou numa caçadeira (...) fez a mira” (C/FO6)

“...fez mira...e pássss acertou-lhe no peito...estava deitado no chão morto” (E.8)

“Foram aos tiros para casa dos outros e os outros também começaram aos tiros. Os outros tinham uma porta....” (E.11)

“...uma família matou uma pessoa da outra. O rapaz ... pegou numa caçadeira (...) fez a mira ... e pásss acertou-lhe no peito... estava deitado no chão morto...foram aos tiros para casa dos outros...” (E.14) e (E.9)

Cartão 10

14”

Bigode grande (...) era uma vez um menino que tinha 19 anos e foi para a guerra para o combate contra os americanos. E a mulher dele estava em casa desesperada à espera que o marido viesse da guerra. Então ele chegou da guerra e viu-a a abrir a porta, disparatada foi a correr para ele, abraçou-o e o filho deu-lhe um beijinho e conversaram como foi a guerra e como não foi. A seguir contaram e enquanto contavam estavam a tomar o lanche, foram para casa, viram um filme romântico (riu-se) ... a mulher acordou porque adormeceu a meio do filme e foi fazer o jantar. Chamou o marido e foram jantar os dois. E acabou a história.

2’

Procedimentos:

“Bigode grande (...) era uma vez um menino que tinha 19 anos” (B 2.11)

“...viram um filme romântico (riu-se)” (B 2.9)

“...um menino que tinha 19 anos...a mulher estava...à espera que o marido viesse..ele chegou da guerra...abraçou-o e o filho deu-lhe um beijo” (E.11)

“Bigode grande (...)” (A 2.16)

Cartão 13 MF

Virou o cartão ao contrário e olhou para o número

7”

Era uma vez uma senhora que estava muito doente e o filho tinha que ir trabalhar. O filho chegou do trabalho, foi ao quarto, assentou-se na cama onde a mãe estava e apalpou-lhe as mãos. As mãos estavam frias, geladas. A mãe não respirava, o filho disse que estava morta. Chamou a ambulância e foi para o hospital (...) passado três dias chamaram o filho para ir para o hospital. O filho chegou lá e a médica que estava a tratar da mãe disse “a sua mãe infelizmente já foi” (...), levou a mão à cabeça e começou a chorar... foi para casa e fechou-se à chave, deitou-se e foi dormir (...) (disseram do que é que a senhora morreu?). Foi de ataque cardíaco.

2’

Procedimentos:

“Virou o cartão ao contrário e olhou para o número” (C/FO5)

“...assentou-se na cama onde a mãe estava e apalpou-lhe as mãos” (B 2.9)

“...a médica que estava a tratar da mãe” (B 1.2)

“...mãos estavam frias, geladas” (C/N5)

“...uma senhora que estava muito doente” (E.6)

“...a mãe não respirava, o filho disse que estava morta. Chamou a ambulância e foi para o hospital” (E.11)

Sujeito 2 (13 anos)

Cartão 4

7”

É uma mulher agarrada a um homem...lá atrás está...acho que é uma imagem...está outra mulher...a mulher está agarrada a ele porque gosta dele, ele ia-se embora e ela não queria.

1”

Procedimentos:

“É uma mulher agarrada a um homem” (C/FO3)

“...a mulher está agarrada a ele porque gosta dela, ele ia-se embora e ela não queria” (C/FO4)

“...lá atrás está...acho que é uma imagem...está outra mulher” (A 2.16)

“...está agarrada a ele porque gosta dele” (C/N4)

Cartão 8 BM

8”

É um rapaz à frente, com uma caçadeira ao lado dele...mais dois senhores lá atrás, a cortarem o rapaz com a faca, a cortarem ao pé da barriga...não sei se é um rapaz ou não, ou se é de idade.

1’

Procedimentos:

“É um rapaz à frente, com uma caçadeira ao lado dele” (A 2.1)

“...com uma caçadeira ao lado dele...” (A 2.16)

“...não sei se é um rapaz ou não, ou se é de idade” (B 2.11)

“...um rapaz à frente.....mais dois senhores lá atrás” (C/FO3) e (A 2.15)

Cartão 10

1’

Uma senhora e um senhor que estão apaixonados, ele está com a boca encostada à cabeça dela e ela com a cabeça encostada ao ombro dele, porque gostam um do outro.

50”

Procedimentos:

“ele está com a boca encostada à cabeça dela e ela com a cabeça encostada ao ombro dele, porque gostam um do outro” (C/N4)

“Uma senhora e um senhor” (C/FO3)

“ele está com a boca encostada à cabeça dela e ela com a cabeça encostada ao ombro dele” (A 2.1)

Cartão 13 MF

6”

É um senhor e uma senhora, o senhor deve ter acordado há bocado porque já estava vestido. O senhor estava com sono no quarto deles.

40”

Procedimentos:

“É um senhor e uma senhora” – (C/FO3)

“o senhor deve ter acordado abocado porque já estava vestido. O senhor estava com sono no quarto deles” (C/FO2)

“É um senhor e uma senhora, o senhor deve ter acordado abocado” (A 2.15)

Sujeito 3 (13 anos)

Cartão 4

7”

Isto aqui é um homem a ir embora e a deixar a mulher, né? a mulher está a tentar que ele fique e ele está a virar-lhe as costas, está a desprezar a mulher (...) (porquê?) porque ela o traiu se calhar, fez alguma coisa que ele não gostasse.

54”

Procedimentos:

“Isto aqui é um homem a ir embora e a deixar a mulher” (C/FO3)

“...porque ela o traiu se calhar” (E.14)

“...ele está a virar-lhe as costas, está a desprezar a mulher” (E.9)

Cartão 8 BM

6”

Uma autópsia...foi este homem que o matou (aponta para a figura da frente)...tem uma espingarda...os outros estão a abrir o corpo, e este está como se não tivesse feito nada, com se não tivesse acontecido nada, para não desconfiarem dele.

40”

Procedimentos:

“Uma autópsia... os outros estão a abrir o corpo” (E.9) e (E.8)

“...foi este homem que o matou” (E.14)

“...foi este homem...os outros...e este está...” (C/FO3)

“Uma autópsia” (B 2.1)

“...foi este homem que o matou... os outros estão a abrir o corpo” (A 2.15)

“este está como se não tivesse feito nada, com se não tivesse acontecido nada...” (A 2.18)

Cartão 10

8”

Alguma coisa aconteceu, e o homem está a acalmar a mulher...acho que é isso só que eu vejo (...) (não imaginas mais nada?) ...não (...) morreu-lhe alguém.

32”

Procedimentos:

“...o homem está a acalmar a mulher” (C/F03)

“...acho que é isso só que eu vejo (...)” (C/FO2)

“...o homem está a acalmar a mulher” (C/M1)

Cartão 13 MF

7”

Também não sei...mas acho que o homem...esta aqui é uma mulher qualquer...ele bebeu...está com o braço assim (imita a figura) ...bebeu de mais, foi para a cama com uma mulher...e deixou-a ali para ir ter com outra.

43”

Procedimentos:

“...(imita a figura)” (C/C1)

“...foi para a cama com uma mulher...e deixou-a ali para ir ter com outra” (E.8)

“mas acho que o homem...esta aqui é uma mulher qualquer” (A 2.14)

“...o homem... é uma mulher” (C/F03)

“Também não sei...” (C/FO5)

Sujeito 4 (13 anos)

Cartão 4

8”

É um homem e uma mulher. Vê-se aqui uma mulher a observar. talvez seja um casal (...) (o que é que eles estão a fazer?) estão a conversar (ri-se).

40”

Procedimentos:

“É um homem e uma mulher” (C/FO3)

“Vê-se aqui uma mulher a observa” (A 2.16)

“estão a conversar (ri-se)” (C/FO4)

“talvez seja um casal” (A 2.3)

“É um homem e uma mulher. Vê-se aqui uma mulher a observar. talvez seja um casal (...) ... estão a conversar (ri-se)” (C/FO2)

“Vê-se aqui uma mulher a observar” (E.14)

Cartão 8BM

7”

Um homem a esfaquear outro...está aqui um rapaz, talvez esteja a observar...pelo efeito parece que está aqui um vidro e lá atrás os homens.

50”

Procedimentos:

“Um homem... e lá atrás os homens” (C/FO3)

“...talvez esteja a observar” (A 2.3)

“Um homem a esfaquear outro...” (B 2.1) (E.8) e (E.14)

“Um homem a esfaquear outro...está aqui um rapaz... e lá atrás os homens” (A 2.15)

“está aqui um rapaz, talvez esteja a observar” e “Um homem a esfaquear outro “ (E.1)

“...pelo efeito parece que está aqui um vidro” (E.4)

“Um homem a esfaquear outro...está aqui um rapaz” (A 2.14)

Cartão 10

5”

Vê-se aqui que é um homem...aqui não dá para perceber o sexo...masculino ou feminino... o homem está agarrado à pessoa...pronto.

30”

Procedimentos:

“...aqui não dá para perceber o sexo...masculino ou feminino” (B 2.11)

“...é um homem... agarrado à pessoa” (C/FO3)

“...está agarrado à pessoa” (C/M1)

“...está agarrado à pessoa...pronto” (C/FO2)

Cartão 13 MF

6”

Um homem que estava com uma mulher na cama e acabou de acordar (...) (o que estavam a fazer antes?) podem ter tido relações sexuais porque a mulher não tinha camisola ...dormiram juntos como casal.

50”

Procedimentos:

“Um homem que estava com uma mulher” (C/FO3)

“...podem ter tido relações sexuais porque a mulher não tinha camisola...” (A 2.2)

“Um homem que estava com uma mulher na cama e acabou de acordar (...) ... podem ter tido relações sexuais...dormiram juntos como casal” (C/FO2)